

São 3 as principais funções da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

Proteção da Biodiversidade
Desenvolvimento Sustentado
Conhecimento Científico

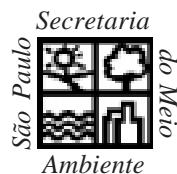
realização:

CONSELHO NACIONAL DA RESERVA
DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA

Rua do Horto 931 - Instituto Florestal
São Paulo-SP - CEP: 02377-000
Fax: (011) 204-8067



UNESCO - Programa MaB - "O Homem e a Biosfera"



SÉRIE DOCUMENTOS HISTÓRICOS

Caderno nº 7



CARTA DE SÃO VICENTE 1560

Padre José de Anchieta

**SÉRIE 1 - CONSERVAÇÃO E ÁREAS PROTEGIDAS**

- Cad. 01 - A Questão Fundiária
Cad. 18 - SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação

SÉRIE 2 - GESTÃO DA RBMA

- Cad. 02 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
Cad. 05 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Estado de São Paulo
Cad. 06 - Avaliação da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
Cad. 09 - Comitês Estaduais da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

SÉRIE 3 - RECUPERAÇÃO

- Cad. 03 - Recuperação de Áreas Degradadas da Mata Atlântica
Cad. 14 - Recuperação de Áreas Florestais Degradadas Utilizando a Sucessão e as Interações planta-animal
Cad. 16 - Barra de Mamanguape

SÉRIE 4 - POLÍTICAS PÚBLICAS

- Cad. 04 - Plano de Ação para a Mata Atlântica
Cad. 13 - Diretrizes para a Política de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Mata Atlântica
Cad. 15 - MATA ATLÂNTICA - Ciência, conservação e políticas - Workshop científico sobre a Mata Atlântica
Cad. 21 - Estratégias e Instrumentos para a Conservação, Recuperação e Desenvolvimento Sustentável da Mata Atlântica
Cad. 23 - Certificação Florestal

SÉRIE 5 - ESTADOS E REGIÕES DA RBMA

- Cad. 08 - A Mata Atlântica do Sul da Bahia
Cad. 11 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul
Cad. 12 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica em Pernambuco
Cad. 22 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Estado do Rio de Janeiro

SÉRIE 6 - DOCUMENTOS HISTÓRICOS

- Cad. 07 - Carta de São Vicente - 1560
Cad. 10 - Viagem à Terra Brasil

SÉRIE 7 - CIÊNCIA E PESQUISA

- Cad. 17 - Bioprospecção
Cad. 20 - Árvores Gigantescas da Terra e as Maiores Assinaladas no Brasil

SÉRIE 8 - MaB-UNESCO

- Cad. 19 - Reservas da Biosfera na América Latina

Caderno nº. 7

Padre José de Anchieta

**CARTA DE SÃO VICENTE
1560**

V. P. Joseph Anchieta Soc. Jesu (O Pe. José de Anchieta em corpo; incolume entre índios bravos e bestas feras; em uma paisagem. Alegoria). Gb por Frezza (João Jeronymo), segundo Lesma (Antonio). S. d. E' o n°. 1531 da Coleção Barbosa Machado, que está na Biblioteca Nacional (cotado sob o n°. 17648)



A **Warren Dean**, que deu continuidade ao trabalho de Anchieta ensinando-nos a como desvendar os segredos e as virtudes da Mata Atlântica.

Com este caderno o Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica inicia uma série dedicada à história dessa floresta que, em grande parte se confunde com a própria história do Brasil. Na área originalmente ocupada pela mata atlântica e seus ecossistemas associados se concentram hoje cerca de 2/3 da população brasileira. A ocupação desordenada dessa região fez com que mais de 90% dessas florestas tenham sido devastadas, tornando a proteção de seus remanescentes uma das maiores prioridades ambientais em termos planetários.



SUMÁRIO

PREFÁCIO.	07
CARTA AO PADRE GERAL DE SÃO VICENTE AO ÚLTIMO DE MAIO DE 1560.	09
NOTAS.	36
BIOGRAFIA.	49

Série Cadernos da
Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

Editor: José Pedro de Oliveira Costa

Conselho Editorial: José Pedro de Oliveira Costa, Clayton Ferreira Lino, João Lucílio Albuquerque

Caderno nº 7
CARTA DE SÃO VICENTE
1560
Primavera de 1997

É uma publicação do
Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica,
com o patrocínio da Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e do
Instituto Florestal do Estado de São Paulo.

Impressão: Instituto Florestal do Estado de São Paulo.

Projeto Gráfico e
Editoração: Elaine Regina dos Santos

Revisão: Clayton F. Lino e João Lucílio R. Albuquerque

São Paulo
Primavera 1997

**Autoriza-se a reprodução total ou parcial
deste documento desde que citada a fonte.**



PREFÁCIO

Em 1560, quando a pedido de seus superiores, o Padre José de Anchieta com excepcional capacidade de observação, escreve a carta de São Vicente, a Mata Atlântica compunha ainda um maciço florestal de mais de 1.100.000 km², em perfeito equilíbrio. Não era uma grande área desocupada, ao contrário, milhares de indígenas com ela conviviam, daí tirando todos os bens necessários à sua alimentação, saúde, abrigo e cultura material e espiritual.

Anchieta, cuja erudição é notável no trato dos mais variados temas, nos oferece um dos mais completos e belos documentos sobre a Mata Atlântica de então, descrevendo "as coisas naturais da Capitania de São Vicente" detalhando a diversidade e exotismo de nossa fauna e flora e seu uso pelos indígenas e pelos primeiros brasileiros, resultantes da mescla daqueles com os europeus aqui chegados. Em alguns trechos, os mitos se confundem com a realidade, como quando descreve os beija-flores: "Há ainda outros passarinhos, chamados *guainumbi*, os mais pequenos de todos; alimentam-se só de orvalho; dêsses há vários generos, dos quais um, afirmam todos, que se gera da borboleta." Isto todavia não lhe rouba o valor documental, antes o enriquece, ao fornecer elementos culturais fundamentais ao conhecimento de nossa história. A carta de São Vicente traz também informações preciosas sobre os costumes e a língua de nossos índios, sobre plantas medicinais e importantes elementos de nossa culinária.

Também em outros documentos posteriores, como na "Informação da Província do Brasil para nosso Padre - 1585", Anchieta volta a descrever nossa floresta e sua incrível biodiversidade, o que sempre faz com grande conhecimento e admiração e também com sensibilidade poética como atesta o trecho a seguir: "*Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosque e não se vê em todo o ano árvores nem erva sêca. Os arvoredos se vão ás nuvens de admiravel altura e grossura e variedade de especies. Muitos dão bons frutos e o que lhes dá graça é que ha neles muitos passarinhos de grande formosura e variedade*



e em seu canto não dão vantagem aos rouxinóis, pintasilgos, colorinos, e canários de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar ao Senhor, e os bosques são tão frescos que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo. Ha muitas árvores de cedro, aquila, sandalos e outros paus de bom odor e várias côres e tantas diferenças de folhas e flores que para a vista é grande recreação e pela muita varidade não se cansa de

A Carta de São Vicente é um dos diversos documentos do "apóstolo do Brasil" que chegaram aos nossos dias graças à pesquisa de vários historiadores e publicações dos séculos dezessete, dezoito, dezenove e vinte. A versão aqui apresentada reproduz integralmente, incluindo a ortografia, aquela publicada em 1933 pela Editora Civilização Brasileira sob o título de "*Cartas - Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)*", gentilmente cedida a esse Conselho pelo Dr. Paulo Nogueira - Neto.

As notas que a seguem são da autoria do Dr. Afrânio do Amaral, então diretor do Instituto Butantan, do Dr. Olivério Mario de Oliveira Pinto, assistente do Museu Paulista e do Sr. Pio Lourenço Correia. A nota de número 1 indica outros colaboradores. Em respeito ao documento manteve-se sem alterações informações taxonômicas, mesmo que tenham sido posteriormente alteradas pela ciência.

Escrita em São Vicente, "*que é a última povoação dos portugueses na Índia Brasileira voltada para o sul, no ano do Senhor 1560, no fim do mês de maio*", essa carta é a primeira descrição detalhada da Mata Atlântica de que se tem conhecimento. Por essa razão o Conselho Nacional da Reserva da Biosfera, propôs a declaração do 27 de maio como dia nacional da Mata Atlântica, homenageando simultaneamente a floresta-mãe da Nação Brasileira e o Padre José de Anchieta, no momento em que os 400 anos de seu falecimento são celebrados.

Clayton Ferreira Lino
Conselho Nacional da Reserva
da Biosfera da Mata Atlântica

AO PADRE GERAL DE SÃO VICENTE AO ULTIMO DE MAIO DE 1560 (01)

Descrição das coisas naturais da Capitania de São Vicente. - Divisão das partes do ano. - Tempestades. - Disputa com um feiticeiro. - Enchentes dos rios. - Saída dos peixes. - Boi marinho. - Narração de uma tempestade no mar. - Entrada dos peixes. - Sucuriuba. - Jacaré. - Capivara. - Lontras. - Caranguejos. - Modo indígena de curar o cancro. - Jararaca, cascavel, coral e outras serpentes. - Piolho de cobra. - Aranhas. - Tatoranas - Panteras. - Tamanduá. - Anta - Preguiça. - Gambá. - Ouriços. - Macacos. - Tatu. - Veados. - Gatos monteses, gamos e javalis. - Lhama do Perú. - Bicho da taquara. - Formigas. - Abelhas. - Moscas e mosquitos. - Papagaios, beija-flores e outros pássaros. - Guará e outras aves marinhas. - Aves de rapina. - Anhima. - Galinhas silvestres. - Mandioca e "Yeticopê". - Erva-viva. - Arvores medicinais. - Pinheiros. - Raízes medicinais. - Pedra elástica. - Conchas e pérolas. - Espectros noturnos ou demônios. - Raras deformidades entre os Brasis. - Criação monstruosa. - Um porco hermafrodita.

A Paz de Cristo seja conosco

Pelas tuas cartas, que ha pouco nos chegaram ás mãos, vimos, Reverendo Padre em Cristo, que desejas (para que se atenda ao voto e desejos de muitos) que escrevemos acêrca do que suceder conosco que seja digno de admiração ou desconhecido nessa parte do mundo. Conformando-me com tão salutar mandado, cumprirei diligentemente, quanto me fôr possivel, a prescrita obrigação.

Em primeiro lugar certamente (o que fiz de passagem nas anteriores cartas) tratarei desta parte do Brasil, chamada São Vicente, que dista da Equinocial vinte e três graus e meio medidos de Nordeste a Sudoeste, na direcção do Sul, na qual a razão da aproximação e do afastamento do sol, as declinações das sombras e como se fazem



as diminuições e crescimentos da lua, não me é facil explicar; por isso, não tocarei nessas cousas, nem vejo nelas razão para que sejam diferentes do que aí se observa.

Na divisão, porém, das partes do ano é cousa inteiramente diversa: são na verdade de tal maneira confusas, que não se podem facilmente distinguir, nem marcar o tempo certo da primavera e do inverno: o sol produz com os seus cursos uma certa temperatura constante, de maneira que nem o inverno é demasiadamente rigoroso, nem o verão incomoda pelo calor; em nenhuma quadra do ano faltam os aguaceiros, pois de quatro em quatro, de três em três, ou de dois em dois dias, uns por outros, alternativamente, se sucedem a chuva e o sol; costuma contudo em alguns anos a cerrar-se o céu e a escassearem as chuvas, de tal modo que os campos se tornam estereis e não dão os costumados frutos, não tanto pela fôrça do calor, que não é excessivo, como pela carencia de água; algumas vezes, tambem, pela muita abundancia de chuvas, apodrecem as raizes que temos para alimento. Os trovões no entanto fazem tão grande estampido, que causam muito terror, mas raras vezes arremessam raios; os relampagos lançam tanta luz, que diminuem e ofuscam totalmente a vista, e parecem de certo modo disputar com o dia na claridade; a isto se ajuntam os violentos e furiosos pègões de vento, que sopra algumas vezes com ímpeto tão forte, que nos leva a ajuntarmo-nos alta noite e correremos ás armas da oração contra o assalto da tempestade, e a sairmos algumas vezes de casa por fugir ao perigo de sua quéda; vacilam as habitações abaladas pelos trovões, caem as árvores e todos se aterram.

Não ha muitos dias, estando nós em Piratininga, começou, depois do pôr do sol, o ar a turvar-se de repente, a enublar-se o céu, a amiudarem-se os relampagos e trovões, levantando-se então o vento sul a envolver pouco a pouco a terra, até que, chegando ao Nordeste, de onde quasi sempre costuma vir a tempestade, caiu com tanta violencia que parecia ameaçar-nos o Senhor com destruição: abalou as casas, arreatou os telhados e derribou as matas; a árvores de colossal altura arrancou pelas raizes, partiu pelo meio outras menores, despedaçou outras, de tal maneira que ficaram obstruidas

as estradas, e nenhuma passagem havia pelos bosques; era para admirar quantos estragos de árvores e casas produziu no espaço de meia hora (pois não durou mais do que isso), e, na verdade, se o Senhor não tivesse abreviado aquele tempo, nada poderia resistir a tamanha violência e tudo cairia por terra. O que, porém, no meio de tudo isso, se tornou mais digno de admiração, é que os Indios, que nessa ocasião se compraziam em bebidas e cantares (como costumam), não se aterraram com tanta confusão de cousas, nem deixaram de dansar e beber, como se tudo estivesse em completa tranquillidade (02).

Vou entretanto referir um fato, que por si mesmo julgarás mais digno de dôr do que de riso; lamentarás certamente a cegueira e escarnecerás da loucura. Poucos dias depois de se passarem estas cousas, em uma certa aldeia de Indios, a que vim com alguns sacerdotes aplicar a medicina da alma e do corpo a um enfermo, encontrámos um feiticeiro de grande fama entre os Índios, o qual, como o exortassemos muito que deixasse de mentir e reconhecesse um só Deus, Creador e Senhor de todas as cousas, depois duma (por assim dizer) longa disputa, respondeu: “Eu conheço não só Deus, como o filho de Deus, pois ha pouco, mordendo-me o meu cão, eu chamei o filho de Deus que me trouxesse remédio; veio ele sem demora e, irado contra o cão, trouxe consigo aquele vento impetuoso, que soprou ha pouco para que derrubasse as matas e vingasse o dano que me causara o cão”. Assim falou ele, e respondendo-lhe o sacerdote: “Tu mentes!”, não puderam conter o riso as mulheres já cristãs ás quais ensinamos as cousas da fé, escarnecendo de certo da estulticia do feiticeiro. Omito outras cousas porque não são para aqui; menos aquilo que não fôra fóra de proposito para adverti-lo, nem a frase “tu mentes” parece proferida com menos reverência, pois os Brasis não costumam usar de rodeio algum de palavras para explicar as cousas: assim, a palavra “mentes” e outras nesse sentido são ditas sem ofensa alguma: pelo contrário, pronunciam claramente, sem nenhum vexame, as palavras que significam os órgãos secretos de um e outro sexo, a cohabitação e outras da mesma natureza.



A divisão das estações do ano (se se considerar bem) é totalmente oposta á maneira por que aí se compreende; porque, quando lá é primavera, aqui é inverno, e vice-versa; ambas, porém são de tal modo temperadas, que não faltam no tempo de inverno os calores do sol para contrabalançar o rigor do frio, nem no estio para tornar agradáveis os sentimentos, as brandas aragens e os humidos chuviros, posto que esta terra, situada (como já disse) á beira-mar, seja regada em quasi todas as estações do ano pelas águas da chuva.

Todavia, em Piratininga, que fica no interior das terras, a 30 milhas do mar, e é ornada de campos espaçosos e abertos, e em outros lugares que se lhe seguem para o ocidente, a natureza procede de tal maneira que, se os dias se tornam extremamente calidos por causa do calor abrasador (cuja maior fôrça é de novembro a Março), a vinda da chuva lhes vem trazer refrigério: cousa que aqui acontece agora. Para explicar isso em breves palavras: no inverno e no verão há grandes chuviros, que servem para temperar os ardores do sol, de sorte que ou precedem de manhã ao estio, ou vêm á tarde. Na primavera, que principia em Setembro, e no estio, que começa a vigorar em Dezembro, as chuvas caem abundantemente, com grande tormenta de trovões e relampagos.

Então, há não só enchentes de rios, como grandes inundações dos campos; nessas ocasiões, uma imensa multidão de peixes, que saem da agua para pôr ovas, deixam-se apanhar sem muito trabalho entre as ervas, e compensam por algum tempo o dano causado pela fome que trouxera a subversão dos rios. Assim, êste tempo é esperado com avidez, como alívio da passada carestia: a isto chamam os Indios *pirâcema*, isto é, "a saída dos peixes"; por quanto, duas vezes cada ano, quasi sempre em Setembro e Dezembro e algumas vezes mais frequentemente, deixam os rios e se metem pelas ervas em pouca água para desovar; mas no estio, como é maior a inundação dos campos, saem em mais consideráveis cardumes e são apanhados em pequenas redes e até mesmo com as mãos, sem aprêsto algum (03).

Finalmente, os grandes calores do verão são moderados pela muita abundancia de chuvas; no inverno, porém (passado o outono que, começando em Março, acaba numa temperatura agradável), cessam as chuvas; a fôrça do frio torna-se horrível, sendo maior em Junho, Julho e Agosto; nesse tempo vimos muitas vezes não só as geadas espalhadas pelos campos a queimarem arvores e ervas, como também a superfície da água toda coberta de gêlo. Então esvasiam-se os rios e baixam até o fundo, de sorte que se acostuma apanhar á mão, entre as ervas, grande porção de peixes.

Aos 13 de Dezembro, completando o sol sua carreira em Piratininga, chega a maior altura; esse dia que é muito longo e em que não há declinação alguma de sombras, dura 14 horas e não passa além do Sul; daí, porém, volta para o Norte, em cuja retirada sóe ser mais rigoroso o calor e febres agudas com dôres de lado molestem os corpos. O undecimo dia de Junho, que é curtissimo, e no qual o sol está muito afastado de nós, dura (segundo creio) cerca de dez horas desde o romper do dia até o ocaso (04).

Até aqui falámos do movimento do tempo; passo agora a tratar de outras cousas.

Ha um certo peixe, a que chamamos *boi marinho*, os Indios o denominam *iguaragua*, frequente na Capitania do Espirito Santo e em outras localidades para o norte, onde o frio ou não é tão rigoroso, ou é algum tanto diminuto e menos que entre nós; é êste peixe de um tamanho imenso; alimenta-se de ervas como o indicam as grammas mastigadas prêsas nas rochas banhadas por mangues. Excede ao boi na corpulencia; é coberto de uma péle dura, assemelhando-se na côr á do elefante; tem junto aos peitos uns como dois braços, com que nada, e embaixo deles têtas com que, aleita os proprios filhos; tem a bôca inteiramente semelhante á do boi. É excelente para comer-se, não saberias porém discernir se deve ser considerado como carne ou antes como peixe: da sua gordura, que está inerente á péle e mórmente em tórno da cauda, levada ao fogo faz-se um mólho, que pode bem comparar-se á manteiga, e não sei se a excederá; o seu oleo serve para temperar todas as comidas: a



todo o seu corpo é cheio de ossos solidos e durissimos, tais que podem fazer as vezes de marfim (05).

Convem relatar aqui algumas cousas que vêm a proposito e que, escritas há mais de dois anos, pelo máu exito da incerta navegação, julgo não terem chegado aí.

Tendo eu e quatro Irmãos (06) saído da cidade do Salvador (que também é chamada Baía de Todos os Santos), depois de fazermos 240 milhas por um mar tranquilo á feição do vento, chegámos a uns bancos de areia que, estendendo-se para o mar na distância de 90 milhas, e oferecendo uma como muralha em linha réta, tornam difficil a navegação; aí deitando a cada passo a sonda, gastámos todo o dia e, fundeada a embarcação, pelo meio de estreitos canais entrincheirados por montes de areia, por onde se costumava navegar; no dia seguinte, porém, reunidos felizmente todos á tarde, os marinheiros, julgando-se já livres de perigo, tranquilizaram-se e não pensaram mais nele, quando, de repente sem ninguem o esperar, o leme salta fóra dos eixos e encalha o navio; sobrevem ao mesmo tempo uma repentina tempestade de vento e aguaceiros, que nos atira para apertados estreitos; o navio era arrastado sulcando areias e, por causa dos frequentes solavancos, temíamos que se fizesse todo em pedaços.

Entretanto, levados para um lugar baixo e inclinando-se a embarcação toda para um lado, lembrámo-nos de implorar o socorro divino, expondo as reliquias dos Santos, que comnosco trazíamos, e lançando ás ondas um Agnus Dei, aplacou-se a tormenta; caímos em um pégo mais fundo, onde, deitando-se a cada passo a ancora e colocado o leme em seu lugar proprio com pequeno trabalho e com grande admiração de todos nós, esperavamos ficar tranquilos até o romper da aurora. Era um lugar fechado de todas as partes por cachopos e monticulos de areia e sómente para o lado da prôa havia uma estreita saida; quando no entanto se começava a descansar, eis que tudo se perturba na ameaçadora escuridão da noite, os ventos sopram com violencia do Sul, caem imensos aguaceiros, e, revolido em todos os sentidos, o mar abalava violentamente a embarcação,

qual, já gasta pelo tempo, pouca resistencia oferecia: aberta embaixo para as ondas, estava tudo coberto d'agua; exgotava-se o porão em cima para as chuvas quatro ou cinco vezes por hora e, para dizer a verdade, nunca se esvasiava; ninguem podia conservar-se a pé firme, mas andando de gatinhas e para dizer corriam uns pelo tombadilho, outros cortavam os mastros, aqueloutros preparavam as cordas e amarras: neste comenos, a lancha, que estava atada á extremidade do navio, foi arrebatada pelo mar, partindo-se o cabo que a prendia; então começávamos todos a tremer e a sentir veemente terror: via-se a morte deante dos olhos; toda a esperança de salvação estava posta em uma corda e, quebrada esta, a nave ia inevitavelmente despedaçar-se nos baixios que a cercavam pela pôpa e pelos lados; corre-se á confissão: já não vinha cada um por sua vez, mas dois a dois e o mais depressa que cada qual podia. Em uma palavra, fôra fastidioso contar tudo que se passou; rompeu-se a amarra: "Está tudo acabado"! gritaram todos. Todavia, no meio de tudo isso não deixavamos de confiar com toda a fé em Deus, se bem que cada um contasse com certeza morrer ali, e mais curasse salvar a alma do que o corpo; confiavamos não só nas reliquias dos Santos, como também no patrocínio da Santissima Virgem Maria, na vespera de cuja Apresentação tinham acontecido estas cousas.

Muitas vezes (creio) nos veiu isto ao pensamento; a mim, de certo, e muita consolação me dava a idéa de que, naquela mesma ocasião, muitos dos nossos Irmãos que andavam por diversas regiões, tinham todos o espirito alçado para Deus, e cujas orações, subindo á presença divina, pediam auxílio para nós outros, e que, por seus suspiros e gemidos, finalmente movida, a divina piedade pudesse trazer-nos os beneficios da sua costumada misericordia. Entretanto, não nos servindo das velas nem de auxílio algum humano, eramos levados sãos e salvos pelo meio dos escolhos, para onde a corrente nos arrebatava, e esperando a todo o momento que se despedaçasse a embarcação, expostos á chuva, flagelados por tremenda tempestade, vendo a morte a cada instante, passámos toda aquela noite sem dormir. Ao romper do dia, recobrando algum alento, concertámos da melhor maneira as velas e, procurando a terra, desejavamos ao menos encalhar o navio na praia; mas, levados por



uma corrente mais favorável do que esperávamos, chegámos a um porto bastante seguro, habitado por Índios, onde nos acolheram eles benignamente, e nos trataram com humanidade. Finalmente, quão grande fôra a misericórdia do Senhor para conosco, a qual não duvidamos que nos fosse propícia, não só pelos merecimentos e preces da bemaventurada Virgem, como dos Santos, cujas relíquias trazíamos conosco, ficou bem manifestado pelo desgraçado naufragio de outro navio que nos precedera, o qual, depois de ter saído para lugares de vau, impellido por um vento próspero, arrebatado todavia não só pelo vento Sul, mas também pela violência do mar, encalhara na praia e se despedaçara; com seus aparelhos e utensilios nos ressarcimos dos que havíamos perdido, e concertámos o nosso já meio despedaçado navio.

No dia seguinte ao da nossa arribada, visitando eu com alguns Irmãos as habitações do Índios, foi nos apresentada uma criancinha quasi prestes a expirar e falando nós a seus pais para batizá-la, eles anuíram de boa mente a isso; batizámo-la, e algumas horas depois foi levada para o céu. Feliz naufragio que conseguiu tal resultado! Aí demorámo-nos oito dias por causa dos ventos contrarios que reinavam; e como pouca provisão nos sobrasse para o resto da viagem, lançaram os marinheiros a rede ao mar, e colheram de um só lanço dois dos tais *bois marinhos*, os quais, apesar de serem tão grandes não romperam a rede, quando um só deles era suficiente para rasgar e despedaçar muitas redes: e assim, provendo-nos com fartura a munificencia divina, fizemos o resto da viagem.

Falo, porém, disso só de passagem; torno de novo ao propósito e, como começara a fazer menção de peixes, prosseguirei.

Em certa quadra do ano apanha-se uma infinita quantidade de peixes; a isso os Índios chamam *pirá-iquê*, isto é, “entrada dos peixes”; porquanto vem inumeros deles de diversas partes do mar, entram para os lugares estreitos e de pouco fundo do mar, afim de pôrem as ovas (07).

O que vou agora referir é admiravel, mas unanimemente comprovado e verificado por notoria experiência: dez ou doze dos maiores sobem

á tona dagua como exploradores, e olhando e examinando o lugar todo, se porventura lhes fazem alguma ofensa, voltam, como que pressentindo a traição, para conduzir a outra parte o seu rebanho. Se porém (o que já foi acautelado, para que com certeza nenhum mal façam aos que têm de entrar) tudo lhes parece estar em segurança e vêem que o lugar é apropriado, introduzem, voltando, uma innumera multidão de peixes por estreitas entradas (pois que já todo o sítio está cercado, deixando apenas uma pequena abertura, a qual se pôde com facilidade fazer, por causa da pouca porção de agua); encurralados aí, e embriagados com o suco de um certo lenho que os Índios chamam *timbó* (08), são apanhados sem o minimo trabalho muitas vezes mais de doze mil peixes grandes. Isso é de tal sorte comum em muitos lugares que, quando os apanham em abundância, os deixam atirados na praia. Os peixes são mui saudaveis nesta terra e podem-se comer todo o ano sem prejudicar á saúde, e até na doença, sem receio da sarna, que aqui não existe em parte alguma.

Encontram-se no interior das terras cobras a que os Índios denominam *sucuryúba*, de maravilhoso tamanho: vivem quasi sempre nos rios, onde apanham para comer os animais terrestres, que a miudo os atravessam a nado; saem porém ás vezes para a terra e os acometem nos atalhos, em que costumam correr daqui para ali. Não é facil acreditar-se na extraordinaria corpulencia destas cobras; engolem um veado inteiro e até animais maiores; isto tem sido observado por todos; alguns dos nossos irmãos o viram com espanto, e até um deles vendo uma serpente a nadar no rio, pensou que era um mastro de navio. Dizem que não têm dentes e só se enroscam nos animais, matam-os introduzindo-lhes a cauda pelo anus, e triturando-os com a bôca os devoram inteiros. A êste respeito contarei cousas estupendas e não sei se serão criveis; mas, tanto os Índios, como os Portugueses que passaram muitos anos de sua vida nesta parte do globo, *uno ore* as afirmam. Estas cobras engolem, como disse, certos animais grandes, que os Índios chamam *tapiiara*, de que tratarei ao deante; como porém o seu estomago não os pode digerir, caem por terra como mortas, sem poderem mover-se, até que apodreça o ventre juntamente com a comida: então, as aves de



rapina rasgam-lhes a barriga e a devoram toda com o seu conteúdo; depois a cobra, disforme, meio devorada, começa a reformar-se, crescem-lhe as carnes, estende-se-lhe por cima a pele, e volta á antiga fôrma (09).

Ha igualmente lagartos que vivem do mesmo modo em rios, e a que chamam *jacaré* (10). São êstes animais de excessiva corpulencia, de modo que podem engulir um homem; cobertos de escamas durissimas e armados de agudissimos dentes; passam a vida na agua; ás vezes sobem até as ribanceiras, onde acontece serem mortos enquanto dormem, não todavia sem bastante custo e perigo, como sucede com o elefante. As suas carnes, que são boas de comer-se, cheiram a almiscar, maximè nos testículos, que é onde esta a maior fôrça do cheiro.

Ha tambem outros animais do genero anfíbio, chamados *capiyûára*, isto é, “que pastam ervas”, pouco diferentes dos porcos, de côr um tanto ruiva, com dentes como os da lebre, exceto os molares, dos quais alguns estão fixos nas mandibulas e outros no meio do céu da bôca; não têm cauda; comem ervas, donde lhes provém o nome; são proprios para se comer; domesticam-se e criam-se em casa como os cães: saem para pastar e voltam para casa por si mesmos (11).

Ha muitas lontras (12), que vivem nos rios; das suas peles cujos pelos são muito macios, fazem-se cintos. Ha tambem outros animais quasi do mesmo genero, designados no entanto por nome diverso entre os Indios e que têm identico uso (13). Ha pouco tempo tendo um Indio atravessado com a flecha a um deles e saltando na agua para apanhá-lo, apareceu uma multidão de outros que estavam debaixo dagua, acometeram-o com unhas e dentes, de tal maneira, que trazendo com dificuldade o que havia morto, saiu quasi em pedaços, e passaram-se muitos dias primeiro que lhe sarassem as feridas. Êstes animais são quasi pretos, pouco maiores que os gatos, munidos de dentes e unhas agudissimas.

Seria fastidioso referir os generos dos caranguejos, e suas variedades e diversas fôrmas. Deixo de falar dos que são terrestres,

que vivem em cavernas subterraneas, que para si mesmos cavam; em toda a parte são frequentes, exceto entre nós; de côr verde-mar e muito maiores do que os aquáticos (14). Alguns dos aquáticos estão sempre debaixo dagua: a natureza deu-lhes os ultimos braços planos proprios para nadar; os mais cavam cavernas para si nos braços de mar (mangues); dêstes, alguns têm as pernas vermelhas e o corpo negro; outros são um tanto azulados e cheios de pelos; outros ainda têm duas cabeças, uma quasi do tamanho do corpo todo e outra proporcional a êste (15).

O “cancro” (que é aí de tão difficil cura) é facilmente curado aqui pelos Indios. Dão a essa doença o mesmo nome que entre nós; curam-a, porém, dêste modo: aquecem ao fogo um pouco de barro bem amassado, com que se fazem vasos, e tão quente quanto a carne possa suportar o aplicam aos braços do cancro, os quais morrem pouco a pouco, e tantas vezes repetem êste curativo até que, mortas as pernas, o cancro se solta e cai por si. Isto foi ha pouco provado com experiência em uma escrava dos Portugueses, a qual sofria desta doença (16).

Até aqui tenho falado dos animais que vivem na agua; tratarei agora dos terrestres, alguns dos quais são desconhecidos dessa parte do mundo. Primeiramente direi das diversas especies de cobras venenosas.

Algumas, chamadas *jararacas* (17), abundam nos campos, nas matas e até mesmo nas casas, onde muitas vezes as encontramos: a sua mordedura mata no espaço de vinte e quatro horas, posto que se lhe possa aplicar remédio e evitar algumas vezes a morte. Isto acontece com certeza entre os Indios: se forem mordidos uma só vez e escapam à morte, mordidos daí por diante, não só não correm risco de vida, como sentem até menos dôr, o que tivemos mais de uma vez ocasião de observar.

A outra variedade denominam *bóicininga*, que quer dizer, “cobra que tine”, porque tem na cauda uma especie de chocalho, com o qual sôa quando assalta alguém. Vivem nos campos, em buracos que



subterraneos; quando estão ocupadas na procreação atacam a gente; andam pela grama em saltos de tal modo apressados, que os Índios dizem que elas voam; uma só vez que mordam, não ha mais remédio: paralizam-se a vista, o ouvido, o andar e todas as ações do corpo, ficando sòmente a dôr e o sentimento do veneno espalhados pelo corpo todo, até que no fim de vinte e quatro horas se expira (18).

Entretanto, quasi todos os Índios torram ao fogo e comem dessas cobras e de outras, depois de lhes tirarem a cabeça; assim como tambem não poupam aos sapos, lagartos, ratos e outros animais dêsse genero (18-A).

Ha tambem outras admiravelmente pintadas de várias côres, de preto, de branco. de encarnado semelhante ao coral, as quais os Índios apelidam *ibibobóca*, isto é, “terra cavada”, porque elas no rojarem fendem a terra à maneira de toupeiras; estas são as mais venenosas de todas, porém mais raras (19).

Ha tambem outras, que são denominadas pelos Índios *bóiguatiára*, isto é, “cobras pintadas”, por causa das suas diversas variedades de pintura; estas são igualmente mortíferas (20).

Ha tambem outras quasi semelhantes, chamadas *jararáca* e tambem *bóipeba*, isto é, “cobras chatas”, porque quando feridas, contraem-se e ficam mais largas; a mordedura dessas é também mortal (21).

Ha ainda outras, que se chamam *bóiroçanga*, isto é, “cobras frias”, porque a sua mordedura comunica ao corpo um grande frio; estas, conquanto maiores do que as outras, são menos venenosas (por isso que não causam a morte); têm toda a bôca armada de dentes agudos, o que não se dá com as outras, pois as outras têm apenas quatro dentes curvos, tão subtis e ocultos que, se não se observa com cuidado, poder-se-há supor que os não têm; neles é que está a peçonha (22).

Todas estas, porém, exceto as que são venenosas, das quais ha, não só grande cópia, mas tambem diversidade, são tão frequentes,

não se póde viajar sem grande perigo: vimos cães, porcos e outros animais sobreviverem quando muito seis ou sete horas á mordedura delas. Não raro temos caído em semelhantes perigo, tendo-as encontrado muitas vezes correndo pelos caminhos de um lado para outro em alguns povoados, a que nos tem chamado o nosso dever. Uma vez, voltando eu para Piratininga de certa povoação de Portugueses, para onde a obediencia me fizera ir com outro irmão a ensinar a doutrina, encontrei uma cobra enroscada no caminho; fazendo primeiramente o sinal da cruz, bati-lhe com o bastão e matei-a. Pouco depois começaram três ou quatro pequenos filhos a andar pelo chão; e admirando-nos de onde aquelas que antes não apareciam tinham saído tão de repente, eis que começaram a sair outros do ventre materno: e sacudindo eu o cadaver apareceram outros filhos ainda, em numero de onze, todos animados e já perfeitos, exceto dois. Ouvi tambem contar, por pessoas dignas de crédito, de uma outra em cujo ventre foram encontradas mais de quarenta (23). Todavia, no meio de uma multidão tão grande e frequente delas, o Senhor nos conserva incolumes, e confiamos mais nele do que em contra-veneno ou poder algum humano; só descansamos em Jesus, Senhor nosso, que é o unico que póde fazer com que nenhum mal soframos, andando assim por cima de serpentes.

Ha tambem outras como pequenos escorpiões, que habitam em certos montes de terra feitos pelas formigas: a estas chamam os Índios *bóiquiba*, isto é, “cobras de pés pequenos”, piolhos de cobras: são vermelhas, pouco maiores que aranhas: têm duas cabeças, como os caranguejos, e a cauda recurvada, na qual têm uma unha tambem curva, com que ferem. Não matam, mas incomodam extraordinariamente, de maneira que a dôr que produzem não passa antes de vinte e quatro horas (24).

O que direi das aranhas, cuja multidão não tem conta? Umas são um pouco ruivas, outras côr de terra, outras pintadas, todas cabeludas; julgarias que são caranguejos, tal é o tamanho do seu corpo: são horriveis de ver-se, de maneira que só a sua vista parece trazer deante de si veneno (25).



Um certo animalejo do genero dos vespões, inimigo destas, persegue-as encarniçadamente, mata-as com o ferrão, leva-as para pequenos buracos que cava para si, e aí as come (26).

Ha aqui umas aranhas de genero diverso, tendo tambem um nome diferente do destas e que exalam muito mau cheiro: são frias por natureza, não saem das casas, senão quando o sol está muito ardente; por essa razão os que bebem delas, pois as mulheres brasilicas muitas vezes soem preparar bebidas envenenadas, são acometidos de um excessivo frio e tremor; para isso o vinho é excelente remédio.

Ha outro bichinho quasi semelhante á centopéia, todo coberto de pelos, feio de ver-se, de que ha vários generos, diferem entre si na côr e no nome, tendo todos a mesma fórma (27). Se alguns deles tocarem no corpo de alguém, causam uma grande dôr que dura muitas horas; os pelos de outros (que são compridos e pretos, de cabeça vermelha) são venenosos, e provocam desejos libidinosos. Os Indios costumam aplicá-los ás partes genitais que assim incitam para o prazer sensual; incham elas de tal modo que em três dias apodrecem, donde vem que muitas vezes o prepucio se fura em diversos lugares, e algumas vezes o mesmo membro viril contrai uma corrupção incuravel: não só se tornam eles feios pelo aspecto horrivel da doença, como tambem mancham e infeccionam as mulheres com quem têm relações (28).

Encontram-se tambem entre nós as panteras, das quais ha duas variedades: umas são côr de veado, menores essas e mais bravias; outras são malhadas e pintadas de várias côres: destas encontram-se em todos os lugares (29); os machos, pelo menos, excedem no tamanho a um carneiro, embora grande, pois as femeas são menores; são em tudo semelhantes aos gatos e bôas para se comerem, o que experimentámos algumas vezes; são de ordinario medrosas e acometem pela retaguarda; dotadas porém de grande força, com um só golpe das unhas ou uma dentada dilaceram tudo quanto apanham; escondem as presas debaixo da terra, segundo afirmam os Indios, e aí as vão comendo até consumirem. São de

extrema ferocidade, o que, conquanto possa ser comprovado por muitos fatos, que sucessivamente e de quando em quando se dão, bastará referir dois ou três para mostrá-lo.

A' beira de um rio; estando alguns Cristãos descansando uma noite em pequenas cabanas, dormia um Indio debaixo da cama, ou antes na rêde de um, que aqui se suspende sustentada por duas cordas; eis que sobrevem um tigre alta noite e agarrando-o por uma perna, que por acaso tinha estendida, arrebatou-o, não podendo a multidão que ali se achava reunida, arrancar-lho das garras e dos dentes; o que aconteceu com muitos outros, que as mesmas onças arrebatam no primeiro sono do meio de muita gente; dêste fato poderiam ser apresentados muitos testemunhos.

Quarenta homens armados de balas, arcos e lanças, tencionando matar um tigre que tinha feito muitos estragos trucidando com grande ferocidade e devorando a muitos, a féra, não se temendo de tão grande fôrça de homens armados, acometeu a um deles, e matá-lo ia com as unhas enterradas pela cabeça e pelo peito, se dirigida com a ajuda do Senhor ao coração, uma flecha não a tivesse deitado por terra.

Passando dois Indios por um caminho perto de Piratininga por onde sempre vamos e voltamos, saiu-lhes ao encontro uma pantera e investiu contra ambos; um dos homens fugiu, o outro, repilindo os impetos da féra, combateu valorosamente não só com flechas, mas tambem com a agilidade do corpo, até que trepou em uma árvore, porém nem mesmo êste meio é bastante seguro contra tais féras, pois são dotadas de grande destreza; esta ficou junto da árvore, vendo se achava alguma subida; labutou toda a noite (porque isso se passou quasi ao entrar do sol), e bramiu, até que, subindo á árvore, ou derribou o homem, ou ele mesmo cansado de tão grande luta e cheio de pavor, caiu. Em baixo era um lugar alagadiço, coberto de lôdo, no qual ele ao cair afogou-se, de maneira que não pôde ser apanhado pela féra, a qual gastou debalde o resto da noite em diligências para tirá-lo dali; afinal cansada, deitou-se. Ao amanhecer, chegando os outros, que já tinham vindo inutilmente na vespera em auxílio do



homem, mataram a fêra, que já não podia mais mover-se pelo excessivo trabalho que tivera, e acharam-lhe no ventre o dedo polegar do referido Indio, que se supõe que ela devorara quando ele subia á árvore: viam-se ainda nesta os vestígios das suas unhas.

Existem aqui tambem outros animais (querem que sejam leões), do mesmo modo ferozes, porém mais raros.

Ha tambem outro animal de feio aspeto, a que os Indios chamam tamanduá (30). Avantaja-se no tamanho ao maior cão, mas tem as pernas curtas e levanta-se pouco do chão; é, por isso, vagaroso, podendo ser vencido pelo homem na carreira. As suas cerdas, que são negras entremeiadas de cinzento, são mais rijas e compridas que as do porco, maximé na cauda, que é provida de cerdas compridas, umas dispostas de cima a baixo, outras transversalmente, com as quais não só recebe, como rechassa os golpes das armas; é coberto de uma pele tão dura que é difficil de se atravessar pelas flechas; a do ventre é mais mole. Tem o pescoço comprido e fino; cabeça pequena e mui desproporcionada ao tamanho do corpo; bôca redonda, tendo a medida de um ou, quando muito, dois aneis; a lingua distendida tem o comprimento de três palmos só na porção que pode sair fóra da bôca, sem contar a que fica para dentro (que eu medi), a qual costuma, pondo-a para fóra, estender nas covas das formigas, e logo que estas a encham de todos os lados, ele a recolhe para dentro da bôca, e esta é a sua refeição ordinaria: admira como tamanho animal com tão pouca comida se alimente. As patas deanteiras são robusticissimas, de grande grossura, quasi iguais á coxa de um homem, as quais são armadas de unhas muito duras, uma das quais principalmente excede em comprimento ás de todas as demais fêras; não faz mal a ninguem, senão em sua defesa própria: quando acontece ser atacado pelos outros animais senta-se e, com as patas deanteiras levantadas, espera o ataque, de um só golpe penetra-lhes as entranhas e mata-os. E' saporosissimo; dirias que é carne de vaca, sendo todavia mais mole e macia (31).

Ha outro animal, bastante frequente, proprio para se comer, chamado pelos Indios *tapiíra* (32) e pelos espanhois "anta"; julgo que é o que em latim se chama "alce" (33).

É uma fera semelhante á mula, um pouco mais curta de pernas; tem os pés divididos em três partes; a parte superior do beiço é muito proeminente: de côr entre a do camelo e a do veado, tendendo para o preto. Levanta-se-lhe pelo pescoço, em vez de crinas, um musculo desde as cruces até a cabeça, com o qual, como é um tanto mais alto, arma toda a frente e abre caminho por espessos bosques, separando os ramos daqui e dali. Tem a cauda muito curta, desprovida de crinas; dá um grande assobio em vez de grito; de dia dorme e descansa, de noite, corre de um lado para outro; nutre-se de diversos frutos, e, quando não os ha, come as cascas das árvores. Quando perseguida dos cães, faz-lhes frente a dentadas e coices, ou lança-se ao rio e fica por muito tempo debaixo dagua; por isso vive quasi sempre perto dos rios, em cujas ribanceiras costuma cavar a terra e comer barro.

Do seu couro, endurecido apenas pelo sol, os Indios fabricam broqueis completamente impenetraves ás flechas (34).

Há outro animal que os Indios chamam *aig* (35) e nós "priguiça", por causa da sua excessiva lentidão em mover-se; na verdade preguiçoso, pois é mais vagaroso que um caracol; tem o corpo grande, côr de cinza; a sua cara parece assemelhar-se alguma cousa de rosto de uma mulher; tem os braços comprido, munidos de unhas tambem compridas e curvas, com que o dotou a natureza para poder trepar em certas árvores, no que gasta uma bôa parte do dia e alimenta-se das suas folhas e rebentos (36) : não se póde dizer, ao certo, quanto tempo leva em mover um braço; tendo porém subido, ali se demora finalmente, até que consuma a árvore toda; passa depois para outra, algumas vezes tambem antes de chegar ao cume; com tanta tenacidade se agarra no meio da árvore, com as unhas, que não se póde arrancá-lo dali, senão cortando-lhe os braços.

Ha tambem outro semelhante a uma pequena raposa e ao qual os Indios chamam *sariquéa* (37), que exala muito mau cheiro e gosta muito de comer galinhas; tem na parte inferior da barriga uma especie de sacco dividido de cima a baixo, em que estão escondidos os seios, e entrando para ele os filhos quando os pare, agarra cada um em



sua teta e dali não saem até que, não precisando mais do auxílio materno, possam ficar em pé e andar por si; mas antes, depois da morte da mãe, só com muita dificuldade podem ser arrancados vivos de suas tetas. Já matámos muitas e entre elas uma com sete filhos encerrados na mencionada bolsa.

Existem também certos pequenos animais do genero dos ouriços (38), cobertos de cerdas compridas e mui agudas, pela maior parte sôbre o palido, pretas na ponta, as quais, se tocarem em alguma cousa, principalmente carne, entram pouco a pouco por si, sem ninguem as empurrar; as mulheres brasílicas costumam servir-se delas para furarem as orelhas, sem sentirem dôr. Eu vi um couro dobrado, de não pequena grossura, transpassado de lado a lado no espaço de uma noite por uma cerda dêsse modo introduzida por si mesma.

Ha uma infinita multidão de macacos dos quais se contam quatro variedades (39), todas elas mui proprias para se comer, o que muitas vezes provámos; é comida mui saudavel para doentes (40).

Vivem sempre nos matos, saltando em bandos pelos cumes das árvores, onde se, por causa da pequenez do corpo, não podem passar desta árvore para aquela que é maior, o chefe da tropa, curvando um ramo, que ele segura com a cauda e com os pés, e segurando outro macaco com as mãos, dá caminho aos restantes, fazendo uma especie de ponte, e assim passam com facilidade todos.

As femeas têm mamas como as mulheres; os filhos pequenos agarrados sempre ás costas e ombros das mães, correm daqui para ali, até que possam andar sôzinhos. Contam-se deles cousas maravilhosas, que omito por incriveis.

Existe também outro animal muito comum entre nós, chamam-o *tatú* (41), que habita pelos campos em covas subterraneas, e quasi semelhante aos lagartos pela cauda e cabeça. Tem o corpo todo coberto da parte de cima por uma concha muito dura, impenetravel ás flechas, semelhante á armadura de um cavalo.

Cava com muita velocidade a terra para se esconder; quando se mete em sua toca, se não lhe arrancares a perna, de balde te cansarás em puxá-lo para fóra: agarra-se á terra com as conchas e os pés com tanta fôrça que, embora lhe segures a cauda, mais facil será destacar-se esta do corpo, do que a ele da cova: é de delicioso sabor.

Dois generos ha de veados; uns como os nossos de chifres; êstes, são, porém, raros, outros, de côr branca, sem chifres, e que nunca entram nos matos, antes pastam sempre em magotes pelas planicies. (42)

Ha abundante multidão de gatos monteses muito ligeiros (43), de gamos, de javalis (44), dos quais ha várias especies.

Longe daqui no interior da terra, para os lados do Perú, a que chamam Nova Espanha, ha umas ovelhas selvagens (45), iguais ás vacas no tamanho, cobertas de uma lã branca e linda, das quais se servem os Indios para levar e trazer cargas, como jumentos. Um dos nossos Irmãos, que andou muito tempo por aqueles lugares, afirma que, não só vira comer, mas também comêra da carne delas. Trata-se largamente dessas ovelhas nas cronicas do Perú, vulgarmente escritas em espanhol.

Nascem entre as taquaras certos bichos roliços e compridos, todos brancos, da grossura de um dedo, aos quais os Indios chamam *rahú* (46), e costumam comer assados e torrados. Ha os em tão grande porção, indistintamente amontoados, que fazem com eles um guizado que em nada difere da carne de porco estufada; serve não só para amolecer o couro, mas também para comer-se. Dêstes insetos uns se tornam borboletas, outros saem ratos, que constroem a sua habitação debaixo das mesmas taquaras, outros porém se transformam em lagartas, que roçam as ervas.

Encontram-se muitos outros animais de diversos generos, que entendi dever omitir, por não serem dignos de saber-se, nem de contar-se.

Seria muito difficil representar por palavras as diversas especies de formigas, das quais ha várias naturezas e nomes; o que, di-lo-ei de



passagem, é muito usual na lingua brasilica, por isso que dão diversos nomes ás diversas especies e raras vezes os generos são conhecidos por uma denominação propria; assim, não ha nome generico da formiga, do caranguejo, do rato e de muitos outros animais; das especies, porém, que são quasi infinitas, nenhuma deixa de ter o seu nome proprio, de maneira que com razão te admirarias de tão grande cópia e variedade de palavras. No entanto, das formigas só parecem dignas de comemoração as que destroem as árvores; estas são chamadas *Içâ* (47); são um tanto ruivas, trituradas cheiram a limão; cavam para si grandes casas debaixo da terra. Na primavera, isto é, em Setembro, e daí em diante, fazem sair o enxame dos filhos, quasi sempre no dia seguinte ao de chuva e trovoada, se o sol estiver ardente; os pais vão adeante e, correndo com a bôca aberta de um lado para outro, enchem todos os caminhos, e pregam mordidelas mais crueis do que em outro qualquer tempo, até fazer sangue; seguem-lhes os filhos com asas (48), de corpo maior, e logo voam á procura de novas casas para si, tão numerosos muitas vezes que formam uma nuvem no ar; em qualquer parte que caiam cavam imediatamente a terra, construindo cada um a sua habitação; depois, porém, de pouco tempo morrem, e de seu ventre geram-se inumeros outros filhos, de maneira que não admira haja tão grande multidão de formigas, quando de uma só nascem tantas.

Para ver quando elas saem de suas cavernas ajuntam-se as aves, ajuntam-se os Indios, que ansiosamente esperam êste tempo, tanto homens, como mulheres; deixam as suas casas, apressam-se, correm com grande alegria e saltos de prazer para colher os frutos novos, aproximam-se das entradas dos formigueiros e enchem de agua os pequenos buracos que elas fazem, onde, estando, se defendem da raiva dos pais e apanham os filhos que saem das covas, e enchem os seus vasos, isto é, certas cabaças grandes, voltam para casa, assam-as em vasilhas de barro e comem-as; assim torradas, conservam-se por muitos dias, sem se corromperem.

Quão deleitavel é esta comida e como é saudavel, sabêmo-lo nós, que a provámos (49). Mas umas aves semelhantes ás andorinhas, das quais ha três variedades, aglomeram-se quasi sem conta no ar,

e cortam pelo meio com admiravel celeridade aquelas formigas que saem voando, devoram-lhes os ventre, deixando a cabeça com as asas e pernas, e assim acontecem que mui poucas escapam (50).

Encontram-se quasi vinte especies diversas de abelhas (51), das quais umas fabricam o mel nos troncos das árvores, outras em cortiços construido entre os ramos, outras debaixo da terra, donde succede que haja grande abundancia de cera. Usamos do mel para curar as feridas, que saram facilmente pela proteção divina. Havendo porém, como disse, muitas especies de mel, falarei unicamente de um, que os Indios chamam *eiraaquãyetâ*, quer dizer, “mel de muitos buracos”, porque estas abelhas têm muitas entradas nas colmeias. Logo que se bebe dêste mel, toma todas as juntas do corpo, contrai os nervos, produz dôr e tremôr, provoca vomitos e destempera o ventre.

Ha pelo mato grande cópia de moscas e mosquitos, os quais, sugando-nos o sangue, mordem cruelmente, maximé no verão, quando os campos estão alagados; uns têm o ferrão e as pernas compridas e subtilissimas; furam a pele e chupam o sangue, até que, ficando com todo o corpo muito cheio e distendido, mal podem voar; contra êstes é bom remédio a fumaça com a qual se dispersam (52).

Outros chamados *mariguí*, e que habitam á beira-mar, são uma praga terrivel; são tão pequenos que mal os podes perceber com a vista; és mordido, e não vês quem te morde; sentes-te queimar e não ha fogo em parte alguma; não sabes de onde te veiu repentinamente semelhante incômodo; se te coças com as unhas, maior dôr sentes; renova-se e aumenta por dois ou três dias o ardor que deixaram no corpo (53).

Em verdade, não é facil dizer quanta diversidade ha de aves ornadas de várias côres. Os papagaios são mais comuns aqui do que os corvos, e de diferentes especies, todos bons para se comerem; alguns deles produzem prisão de ventre; outros imitam a voz humana; outros ha que, comendo o milho quando está granado, voam em bandos e quando estão nesse trabalho, fazem de maneira que, quando descem para comer, fiquem sempre um ou dois no alto de uma árvore, como de vigia, os quais, espiando o lugar por todos os



lados, em vendo alguém aproximar-se, tocam rebate e fogem todos; mas se não houver perigo algum, quando os outros fartos sobem, descem os vigias por sua vez para comer (54).

Ha também avestruzes, que não podem voar por causa do extraordinário tamanho do corpo (55).

Ha ainda outros passarinhos, chamados *guainumbi* (56), os mais pequenos de todos; alimentam-se só de orvalho (57); dêsses ha vários generos, dos quais um, afirmam todos, que se gera da borboleta (58).

Ha outro passaro semelhante ao corvo, parecido com o ganso por causa do bico, o qual mergulhando nos rios, está muito tempo debaixo d'agua a comer peixes.

Ha também outro, de menor corço, mas, quando sacode as asas faz tanto barulho, que as árvores parece que caem por terra (59).

Ha ainda uma ave marinha, por nome *guará* (60), igual ao mergulhão, porém de pernas mais compridas, de pescoço igualmente alongado, de bico comprido e adunco; alimenta-se de caranguejos e é muito voraz. Passa por uma metamorfose, como que perpétua, pois na primeira idade cobre-se de penas brancas, que depois se transformam em côr de cinza, e, passado algum tempo tornam-se segunda vez brancas, de menos alvura todavia das da primeira; por fim ornam-se de uma côr purpúrea lindíssima; estas penas são de grande estimação entre os Indios, que usam delas para enfeitar os cabelos e braços em suas festas.

Ha ainda outra ave marinha semelhante á ádem, que, em lugar de asas, tem pequenos membros, vestidos de macia penugem; tem os pés quasi na cauda, de maneira que não podem sustentar o corpo e só lhe servem para nadar, quando ela não pôde voar nem andar (61).

Das aves de rapina ha muitas especies, das quais algumas são de tal tamanho que matam e despedaçam até veados, maximè uma,

para a qual, quando está no ninho, não só seus pais que têm com ela particular cuidado, mas todas as outras aves que vivem de rapina, trazem comida como a um príncipe: têm isto comsigo, que mesmo que passem muitos dias sem comer, mal nenhum isso lhes faz (62).

Ouvi falar de outro genero ainda de aves de prêsa, a qual, quando está aquecendo os filhotes recém-nascidos no ninho, que constroio no mais alto da árvore, se o caçador sobe para tirá-los, não voa, mas, abrindo as asas para protegê-los, conserva-se imóvel, consentindo antes que a apanhem, do que em desamparar os filhos.

Ha outra ave que se chama *anhima* (63), muito grande; quando grita parece o zurrar de um asno. Tem em cada asa com que três cornos (64), um também na cabeça, iguais aos esporões dos galinaceos, porém muito mais rijos; quando acossada pelos cães, não foge, ainda que a grandeza do corpo não a embarace de voar; antes os afugenta, ferindo-os gravemente com as asas assim armadas.

Ha ainda galinhas silvestres, das quais se contam três especies: perdizes; faisões; e outras aves todas côr de purpura, outras verdes, outras pardacentas, vistosas na sua multiplice variedade de côres (65).

Isto quanto aos animais.

Das ervas e árvores não quero deixar de dizer isto, que as raizes a que chamam *mandioca* (66), de que nos utilizamos como alimento são venenosas e nocivas por natureza, se não forem preparadas pela indústria humana para se comerem; comidas cruas matam a gente, assadas ou cozidas comem-se; todavia, os porcos e os bois as comem cruas impunemente; se porém beberem o suco que delas se expreme, incham de repente e morrem.

Ha outras raizes chamadas *yeticopê* (67), semelhantes ao rabão, de agradável sabor, muito apropriadas para acalmar a tosse e molificar o peito. A sua semente, que se assemelha a favas, é um violentíssimo veneno.



Entre outras, ha aqui certa erva espalhada por toda a parte e que muitas vezes vimos e tocámos, a que chamamos *viva* (68), porque parece ter tal ou qual sentimento: pois, se a tocares de leve com a mão ou com qualquer outra cousa, imediatamente as suas folhas, fechando-se sôbre si mesmas, se ajuntam e como que se grudam; depois, daí a pouco tornam a abrir-se.

Das árvores uma parece digna de notícia, da qual, ainda que outras haja que distilam um líquido semelhante á resina, util para remédio, escorre um suco suavissimo, que pretendem seja o balsamo, que a princípio corre como oleo por pequenos furos feitos pelo carancho ou tambem por talhos de foices ou de machados, coalha depois e parece converter-se em uma especie de balsamo; exala um cheiro muito forte, porém suavissimo e é otimo para curar feridas, de tal maneira que em pouco tempo (como dizem ter-se por experiência provado) nem mesmo sinal fica das cicatrizes (69).

Ha tambem outras árvores que enchem por toda a parte os esteiros do mar, onde nascem, cujas raizes, algumas brotadas quasi do meio do tronco, outras do ponto em que os ramos que rebentam se dirigem para cima, quasi do comprimento de uma lança, se inclinam pouco a pouco para a terra, até que no fim de muitos dias chegam ao chão (70).

Na povoação que se chama Espirito Santo é muito comum uma certa árvore muito alta, cujo fruto é admiravel. Êste é semelhante a uma panela, cuja tampa, como que trabalhada a tórno, com que está pendente da árvores, se abre por si mesma quando está maduro: aparecem então dentro muitos frutos semelhantes a castanhas, separadas por delgadas tiras como interposto septos, muitissimo agradaveis ao paladar. O vaso ou urna, em que estão encerrados, não é menos duro que a pedra, e pode-se facilmente julgar do seu tamanho pelas castanhas que contém, que passam de cincoenta (71).

Ha, além disso, pinheiros (72) de altura estupenda; propagam profusamente ocupando o espaço de seis ou sete milhas. Os Indios dão aos seus frutos, por antonomasia, o nome especial de *ibá*, isto é, fruto (nome aliás comum aos demais frutos); são compridos como

os nossos, mas muito maiores, de casca mole, semelhantes á amendoa das castanhas. Os lugares que ficam para o sententrião não produzem destas árvores.

Ha diversas árvores de frutos excelentes para comer-se, muitos de suavissimo cheiro, e de mui deleitavel sabor.

Uteis á medicina não ha só muitas árvores, como raizes de plantas; direi, porém, alguma cousa, maximè das que são proveitosas como purgantes.

Ha uma certa árvore, de cuja casca cortada com faca, ou do galho quebrado, corre um líquido branco como leite, porém mais denso, o qual, se se beber em pequena porção, relaxa o ventre e limpa o estomago por violentos vomitos: por pouco, porém que exceda na dose, mata. Deve-se, emfim, tomar dele tanto quanto caiba em uma unha e isso mesmo diluido em muita água; se não se fizer assim, incomoda extraordinariamente, queima a garganta e mata (73).

Ha uma certa raiz, abundante nos campos, utilissima para o mesmo fim; raspa-se e bebe-se misturada com agua; esta, se bem que provoque o vômito com bastante violencia, todavia bebe-se sem perigo de vida (74).

Ha tambem outra, chamada vulgarmente *marareçó*; as suas folhas parecem as do bordo, a raiz pequena e redonda, que se come assada ou bebe-se esmolda com agua, exposta por uma noite ao sereno.

Descobriu-se ultimamente outra, que é tida em grande estima e com razão. Esta é oblonga e delgada, contundida e deixada de infusão em agua pelo espaço de uma noite, bebe-se de manhã sem dificuldade, não causa nausea, nem produz fastio; desembaraça, porém, o ventre com abundante fluxo, que cessa logo que se tome algum alimento, o que é comum ás de que falei ha pouco.

Ha, além destas, várias outras que servem muito para soltar o ventre, quanto para o prender. Exceto os frutos de certas árvores, quasi que nenhum remédio eficaz se encontra.



Até nas pedras se encontra o que admirar e com que exaltar a onipotencia do supremo e otimo Deus, maximè em uma que serve para afiar espadas; mas tem isto de maravilhoso, que qualquer parte dela que tocares em as mãos se torna flexivel como o couro e a moverás como cousa apertada por um nó, de maneira que não parece uma pedra só, mas sim muitas reunidas por diversas juntas (75).

Encontram-se em certo rio habitado pelos inimigos, a umas 50 milhas de Piratininga, muitas conchas, nas quais se criam certas pedrinhas transparentes, que querem sejam perolas: têm o tamanho do grão de bico e algumas maiores.

Isto é quanto me ocorre dizer das árvores, plantas e pedras. Acrescentarei agora poucas palavras acêrca dos espectros noturnos ou antes demonios com que costumam os Indios aterrar-se.

É cousa sabida e pela bôca de todos corre que ha certos demonios, a que os Brasis chamam *curupira*, que acometem aos Indios muitas vezes no mato, dão-lhes de açoites, machucam-os e matam-os. São testemunhas disto os nossos Irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os Indios deixar em certo caminho, que por asperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras cousas semelhantes como uma especie de oblação, rogando fervorosamente aos *curupiras* que não lhes façam mal (76).

Ha tambem nos rios outros fantasmas, a que chamam *Igpupiára* (77), isto é, que moram n'agua, que matam do mesmo aos Indios. Não longe de nós ha um rio habitado por Cristãos, o que os Indios atravessavam outrora em pequenas canôas, que fazem de um só tronco ou de cortiça, onde eram muitas vezes afogados por eles, antes que os Cristãos para lá fossem.

Ha tambem outros, maximè nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto do mar e dos rios, e são chamados *baetatá* (78), que quer dizer "cousa de fogo", o que é o mesmo como se dissesse "o

que é todo fogo". Não se vê outra cousa senão facho cintilante correndo daqui para ali; acomete rapidamente os Indios e mata-os, como os curupiras: o que seja isto, ainda não se sabe com certeza.

Ha tambem outros espectros do mesmo modo pavorosos, que não só assaltam os Indios, como lhes causam dano; o que não admira, quando por êstes e outros meios semelhantes, que longo fôra enumerar, quer o demonio tornar-se formidavel a êstes Brasis, que não conhecem a Deus, e exercer contra eles tão cruel tirania.

Dêstes Brasis direi, em último lugar, que quasi nenhum se encontra entre eles afetado de deformidade alguma natural; acha-se raramente um cego, um surdo, um mudo ou um coxo, nenhum nascido fôra de tempo (79). Todavia, ha pouco tempo, em uma aldeia de Indios, a uma ou duas milhas de Piratininga, nasceu uma criancinha, ou antes um monstro, cujo nariz se estendia até ao queixo, tinha a bôca abaixo dêste, os peitos e as costas semelhantes ao lagarto aquatico, cobertas de horrendas escamas as partes genitais perto dos rins; a qual seu pai, assim que nasceu, fez enterrar viva. A esta morte condenam tambem os que suspeitam terem sido concebidos em adulterio.

Não é talvez menos para admirar o ter nascido em Piratininga um porco hermafrodita que, segundo creio, ainda está vivo.

Narrei essas cousas brevemente, como pude, posto que não duvides que haja muitas outras dignas de menção, que são desconhecidas a nós, ainda aqui pouco praticos. Rogamos entretanto aos que achem prazer em ler e ouvir estas cousas, queiram tomar o trabalho de orar por nós e pela conversão dêste país.

Escrito em São Vicente, que é a última povoação dos Portugueses na India Brasilica voltada para o Sul, no ano do Senhor 1560, no fim do mês de Maio.

O minimo da Companhia de Jesus.



NOTAS

- (01) Copiada do livro de registro Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil cit., fl. 35, em latim. Pbl. Em italiano nos *Diversi nuovi acisi*, Venetia, parte III, fl. 150-72, e, no original anotado, na Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas, da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1812, pelo conselheiro Diogo de Toledo Lara Ordoñez, que tirou edição a parte, *Joseph de Anchieta Epistola quanplurimarum rerum naturalium quæ S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem*, datada de Lisboa, 1799, in 4°, 3 fl. Não numeradas e 46 p., sendo uma de errata. A versão portuguesa feita por Teixeira de Melo, com o concurso de Martinho Corrêa de Sá, foi primeiro pbl, nos "Anais da Biblioteca Nacional", 1, p. 275-305, e depois, corrigida, no "Diário Oficial", do Rio, de 22, 24 e 26 de dezembro de 1887 e 2 e 7 de janeiro de 1888. Novamente traduzida pelo prof. João Vieira de Almeida, foi pbl., com um prefácio do dr. A. C. de Miranda Azevedo e as anotações de Lara Ordoñez, no fascículo *Carta fazendo a descrição das inumeras coisas naturais que se encontram na provincia de S. Vicente, hoje S. Paulo, seguida de outras cartas ineditas escritas da Baía pelo veneravel Padre José de Anchieta*, S. Paulo, 1900. - As notas que se seguem, da autoria do dr. Afranio do Amaral, diretor do Instituto do Butantan, dr. Oliverio Mario de Oliveira Pinto, assistente do Museu Paulista, e sr. Pio Lourenço Corrêa, transcritas sem nenhuma indicação de obra, foram especialmente escritas para esta edição, a pedido nosso. Outras, ainda, submetemos à revisão de um técnico do Instituto Biológico de São Paulo, graças à gentileza do dr. Adalberto de Queiroz Teles. Ao concursos desses competentes devemos, assim, em grande parte, o comentário ou esclarecimento do que de mais curiosos ou menos claro contém a admiravel carta de Anchieta.
- (02) A essa tempestade volta a se referir Anchieta na carta seguinte (XI), ressaltando os serviços que por essa ocasião prestaram aos índios o padre Luiz da Grã e o irmão Manuel de Chaves. - Cf. S. de Vasconcelos (Cron., 1, 2, n. 86).
- (03) *Piracema* ou *piracê*, "monção em que saem os peixes", conforme definição de B. Caetano (Vocabulário da Conquista, nos "An. Da Bibl. Nacional", VII), De *pirá-peixe* e *cê-sair* ou *cema-saindo*. - Observação de Oliverio Mario: "Propriamente não ha o que retificar na descrição de Anchieta; apenas não se poderá dizer com inteira propriedade que os peixes "saem d'agua para pôrem ovos", senão que sobem o curso dos rios, á procura das cabeceiras, de aguas mais rasas e remançosas, em que de fato "se metem pelas ervas em pouca agua para desovar", ao abrigo relativo das causas naturais de destruição". - V. Agenor Couto de Magalhães (*Monografia brasileira de peixes fluviais*, S. Paulo, 1931, p. 66).
- (04) Nota de Lara Ordoñez (1. C.): "Esta maneira de calcular o verão e o inverno é conforme o antigo *Calendario*, o qual depois, isto é, no ano de 1582, Gregorio XII, Pontífice Maximo, corrigiu, suprimindo dez dias e providenciando para o futuro. Porque, como o ano civil excedesse o solar em 11', desde o ano 325, no qual se marcou o tempo da celebração Pascoa no Concilio de Nicea, o 1º Ecumenico, os soltícios precediam outros tantos dias, os quais caíram realmente, no ano de 1559, a 12 de junho e a 12 de dezembro. Por isso, por causa do comprimento dos dias 11 de junho e 13 de dezembro ou dos passados, ou dos seguintes, similarmente, Anchieta julgou solsticiais os dias 11 de junho e 13 de dezembro. Realmente eles duram, considerando a refração da luz, no tempo do verão, 13 h. 24'; no inverno, porém, 10 h. 36'."
- (05) *Boi-marinho* é o *peixe-boi*, sirenio da familia dos Triquequideos, de que ha duas especies brasileiras. Chamado pelos índios *iguaraguá* (Anch.), *goáragoá* (G. Soares,, Trat.,ed. 1879, p. 257), *goáraguá* ou *guarabá* (Varnhagen, notal 203 a G. Soares), R. Garcia declara melhor "*guaraguá*, que se traduz por *guára-guára, come-come, comilão*, ou ainda por *yguá-riguá*, morador em enseadas"(nota a F. Cardim, Trat., p. 136). Os portugueses da Africa Oriental o conhecem por *peixe-mulher*, segundo Lara Ordoñez (I. C.). - Observação de Oliverio Mario: "A especie referida por Anchieta é indubitavelmente *Trichechus manatus* Lin., 1758, peculiar ao litoral atlantico da America Meridional e ás Antilhas. Uma especie vizinha (*Manatus inunguis* Matterer) vive nas bacias do Orenoco e do Amazonas, ao passo que as costas e grandes rios da Africa Occidental são frequentadas por uma outra (*Manatus senegalensis* Desmarest). No Oceano Indico e nas costas da Africa Oriental encontram-se duas especies pertencentes a um genero afim; a alguma delas (talvez *Helicore dugung* Erleben), senão a ambas, aplicar-se-á o apelido dado pelos portugueses, segundo Lara Ordoñez".
- (06) Da Baía, em outubro de 1553, partiram para São Vicente, com escala pelo Espirito Santo, os padres Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues e Braz Lourenço com os irmãos José de Anchieta, Gregorio Serrão e (segundo é corrente) um terceiro, cujo nome se ignora. Anchieta, entretanto, diz "eu e quatro irmãos". É assim muito provavel que fossem realmente cinco os jesuitas que embarcaram na Baía, e não seis, como pretende S. de Vasconcelos (o. c., 1. 1, n. 143). Com a tempestade, que na noite de 20 para 21 de novembro surpreendeu a missão nos Abrolhos, a embarcação de Anchieta ficou bastante danificada e a de Leonardo Nunes inteiramente perdida. É esse o sucesso que Anchieta narra.
- (07) *Piraiquê*, "corr. *Pirá-ikê*, o peixe entra. Designa o estuario ou esteiro aonde o *peixe* entra para a desova ou para comer. Alt. *Piraiquê, Perequê*, S. Paulo"(T. Sampaio, O tupi na Geogr. Nac., 3ª ed.). - Observação de Oliverio Mario: "*Piraiquê* é nome cuja tradição dir-se-á perdida na linguagem vulgar. Não existe até, ao que parece, nenhum vocábulo para designar na fala usual o curioso fenomeno da entrada dos cardumes de peixes potamotocos (assim são chamados os peixes marinhos que desovam nos rios) pelo estuario dos rios acima. No número destes peixes contam-se no Brasil, com os seus mais importantes representantes do ponto de vista economico, as *tainhas* e *curimãs*, de que ha muitas especies: *Mugil brasiliensis* Agassiz, M. *abulla* (? - M. *cephalus*), M. *incilis* Hancock, M. *corema* Cuv. & Va., etc. A estes peixes se referirá com toda probabilidade o trecho de Anchieta. A observação do jesuita sobre o tino admiravel de proteção e de defesa posto em prática pelos peixes no ato de procurarem lugar adequado á desova, em que pese a maneira antropomorfica por que é narrada e interpretada, conta forçosamente algum apoio na realidade, pois é sabido que os animais, ainda aqueles cujo psiquico se nos mostra mais embotado e rudimentar, frequentemente nos maravilham pela clarividencia dos seus instintos relacionados com a procreação". - A procura "de aguas salobras ou mesmo perfeitamente doces" para a desova, justifica-se "em determinadas especies, porque, dadas as exigencias biologicas, acham nos rios meio tranquilo e farto de alimentação para a futura prole", sendo de notar que muitas "permanecem nos rios litoreaneos indefinidamente" e outras, "logo após os meses de procreação, voltam para o mar" (A. Couto de Magalhães, o. c., páginas 66-7).
- (08) *Timbó*, da familia das Sapindaceas (*Paulinia pinnata* L.). O nome tupi é de difficil explicação, segundo, R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 135). - Ao sumo "extraído de cipós batidos para matar o peixe nos rios e lagoas", chamavam os índios *tingui* (T. Sampaio, o. c.).



- (09) *Sucuryúba* (Anch.), *giboiossú* (Gandavo, Tratado da Terra do Brasil, pbl. Da Acad. Bras., Rio, 1924, p. 56), *sucurijuba* (F. Cardim, o. c., p. 100), *sucuriú* (G. Soares, o. c., p. 239), *sucurijú*, *sucuriuva*, *sucuri*, *socori*, e também *arygboia* (centro e litoral), *boiuna* (Amazonia), *boissú*, *boi-assú*, ou *boiguassú* (Amazonia e centro) e *viborão* (Alto Amazonas e Acre), da família dos Boideos (*Eunectes murinus* L.). *Sucuri*, "corr. *Çuú-curri*, morde rapido, atira o bote"; *sucuriú*. "corr. *Cuucurí-yú*, forma contrata de *çuucurijyuba*, a *sucuri* amarela"(T. Sampaio, o. c.). - Observa Afranio do Amaral: "A *Sucuriuba* é dotada de 4 séries de afilados e recurvos dentes na parte superior da bôca e de 2 na inferior. As 4 séries superiores são formadas de 68 dentes, distribuídos pelos 2 maxilares e pelo par palatino-pterigoideu: as inferiores são constituídas por 34 dentes insertos na mandíbula direita e esquerda. Todos esses dentes diminuem de tamanho para o fundo da bôca, para onde também são dirigidas todas as pontas. Esta orientação dos dentes, que se encontra em todos os ofidios, serve, na defesa das especies, ao duplo fim de apreensão facil da vítima e sua melhor retenção: a prêsa, quanto mais tenta escapar, mais profundamente fica implantada nos dentes da cobra. A suposta ausencia, referida por Anchieta, deve ser, não de dentes propriamente ditos, pois a *sucuri* tem ao todo 102 dentes, mas de prêsas chanfradas ou ocas que no Brasil só ocorrem, respetivamente, nas corais verdadeiras e nas crotalideas. - Ao que eu tenho observado, a sucuriuba não introduz a cauda pelo anus da vítima para matá-la. A informação no particular deve ser lendaria, pois esta especie causa a morte dos animais por simples enroscamento ou contricção progressiva, partindo-lhes os ossos, desconjuntando-os e estourando-lhes o ventre e o tórax. Dessa fôrma consegue reduzir-lhes rapidamente a grossura ou diametro transverso e engulí-los com mais facilidade. - O apodrecimento do ventre da *sucuriuba* alimentada e a consequente intervenção das aves de rapina parecem-me deturpação fantastica do longo periodo digestivo, que se caracteriza por extrema imobilidade do reptil. O processo de reparação tecituraria assinalado não é possível, pois a cicatrização entre os ofidios é sempre muito precaria, imperfeita e seguida de deformações mais ou menos profundas".
- (10) Nota de R. Garcia a F. Cardim (o. c., p. 143): "Jacaré, reptil omidosaurio da familia dos Crocodilos, representada no Brasil pelos generos *Caiman* e *Jacaretinga*. O jacaré do papo amarelo é o mais comum da Baía para o Sul. Deve ter sido esse o que o autor mais particularmente conheceu". E Anchieta também. - *Jacaré*, "corr. *Ya-caré*, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, *y-echá-caré*, aquele que olha de banda"(T. Sampaio, o. c.).
- (11) *Capyúara* (Anch.), *capijura* (F. Cardim, o. c., p. 103), *capibara* (G. Soares, o. c., p. 230), *capyyuare* (C. D'Abbeville, *História da missão dos Padres Capuchinhos*. Paris, 1922, fl. 248 v.), *capiguara* ou *capivara*, roedor da familia dos Caviideos (*Hydrochorus Hydrochorus* L.). Escreve R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 144): "O nome tupi vem de *capyi*, erva, o capim, e *guará*, participio do verbo ú, comer: o que come capim, o erbivoro". Portanto, que pasta ervas, como diz Anchieta. - Observação de Oliverio Mario: "As descrições de Anchieta, nada ha a estranhar, amiúde encerram verdadeiras enormidades em materia de zoologia. Escusa criticar a asserção de que a *capivara* apresenta, afóra as series laterais de dentes, alguns "outros no meio do céu da bôca", disposição esta que não existe em nenhum mamifero, e apenas encontradiça nos vertebrados poecilothermicos. Sem serem propriamente do mesmo feitio, os molares da *capivara* assemelham-se perfeitamente aos das lebres e aos da maior parte dos roedores".
- (12) Nota de Oliverio Mario: "Lontras ha no Brasil de duas especies e de dois generos diferentes. A' especie maior ou *airanha* (*Pteronura Brasiliensis* Zimm.), aplicar-se-ia também, segundo Goeldi (*Mamiferos do Brasil*, p. 71) a denominação indigena de *jagoacaca*. A lontra pequena ou simplesmente lontra (*Lontra paranensis* Rengger) é especie muito menor, propria do Brasil meridional (de São Paulo ao Rio Grande do Sul, inclusive Mata Grosso), Paraguai e Argentina".
- (13) Nota de Oliverio Mario: "O outro animal, quasi do mesmo genero (sic) da lontra é provavelmente o rato do banhado ou nutria (*Myocastor coypus*), ás vezes também chamado impropriamente lontra; não ha opôr-se, no caso, a circunstancia de ser êste animal um roedor e não um carnívoro".
- (14) Deve ser o *guanhumig* de F. Cardim (o. c., p. 92), *ouégnon-moin* de C'Abbeville (o. c., fl. 248), *guayamum* ou *guaiaimú*, crustáceo braquiuro da familia dos Gecarcinideos (*Cardisoma guanhumii* Latr.), cuja côr é azul, e não verde-mar, como diz Anchieta.
- (15) Nota de Oliverio Mario: "Os caranguejos aquaticos, de que diz Anchieta que "a natureza deu-lhes os ultimos braços planos proprios para nadar", outros decididamente não podem ser senão os siris, cujas eximias qualidade de nadadores inspiraram ao zoologista a denominação generica de *Callinectes* (*calós*, belo e *néctes*, nadador), de que ha nos mares brasileiros mais de uma especie (*C. sapidus*, *C. ornatus*, *C. larvatus*, *C. tumidus*, etc.)"- Aliás, o nome tupi do crustaceo *siri*, quer dizer "o que corre, ou desliza"(T. Sampaio, o. c.). R. Garcia (nota a D'Abbeville, p. 60) dá mais o significado de "afastar-se, andar para trás". - No mesmo trecho, refere-se Anchieta ao *uçá* (F. Cardim, o. c., p. 91), *ussá* (G. Soares, o. c., p. 267) ou *oussa* (D'Abbeville, o. c., fl. 248), crustaceo braquiuro da familia dos Gecarcinideos (*Ucides cordatus* L.), bem como ao aratú, da familia dos Grapsideos (*Aratus pisoni*, M. Edw.), e outros caranguejos descritos por F. Cardim, G. Soares e D'Abbeville.
- (16) Nota de Oliverio Mario: "É quasi certo que Anchieta, como ainda hoje o fazem os menos entendidos em coisas de medicina, confundia o *cancer* da patologia, isto é, os diferentes neoplasmas malignos que a tecnologia médica especifica sob os nomes de epitelomas, sarcomas, etc., com afecções outras de natureza inteiramente diversa, muitas delas perfeitamente curaveis, como as neoformações sifiliticas, etc. Mas não padece nenhuma dúvida de que ha mais do que abuso no processo curativo a que o catequista atribui tão maravilhosas quanto estupefacientes virtudes. É o processo das curas por *simpatia*, tão do gôsto e da credulidade do povo, que com tanto mais convicção acredita na lenda quando mais milagrosas e ocultas se lhe aparecem as causas dos fatos nela contados. No caso, ao destacamento do corpo do martirizado crustaceo, corresponderia *pari passu* o deprendimento paralelo da massa tumoral cuja extirpação se intentava. Carece de grande interesse a identificação zoológica do "cancro" referido por Anchieta. Será talvez o caranguejo (*Edipleura cordata* L., ao qual, como á generalidade dos crustaceos, é facil o destacamento dos membros, por um reflexo inconciente de defesa, fato em que consiste a *autotomia* dos fisiologistas".
- (17) *Gereraca* de G. Soares (o. c., p. 240), da familia dos Crotalideos (*Bothrops jararaca* Wied; *Bothrops atrox* L.; *Bothrops Neuwiedii* Wagl.). Segundo B. Caetano, "pode derivar-se o nome de *yara-roág*, que envenena a quem agarra" (nota de R. Garcia a F. Cardim (o. c., p. 117) ou, nas palavras de T. Sampaio (o. c.), "que tem o bote venenoso". Afranio Amaral (Boletim do Museu Nacional, VII, n. 2., p. 25) dá: "Tupi *yára-ag*, o que envenena mordendo, ou tupi *yararaca*, cobra muito má (Montoya)".
- (18) *Boicininga*, *boiçununga*, *boiçuninga*, *boicinunga* ou *boiteninga* é a *cascavel*, da familia dos Crotalideos (*Crotalus terrificus* Laur.). De *bói-cininga*, cobra de chocalho.



- Também descrita por F. Cardim (o. c., p. 48), Gandavo (o. c., p. 57) e G. Soares (o. c., p. 241). - Observação de Afranio Amaral: A *boicinga* não pode andar “pela grama em saltos de tal modo apressado, que os Índios dizem que elas voam”. A reptação da cascavel é das mais lerdas que se conhecem, em virtude de lhe ser pequena a força muscular em relação ao volume do corpo. Com esta serpente costuma-se até exemplificar o fato biológico de a involução do sistema muscular coincidir com o aparecimento de qualquer meio especial de defesa da espécie, o que, no caso, é representado pelo aperfeiçoamento do aparelho venenifero: o ser torna-se aparentemente tanto menos agil quanto maior confiança parece depositar em sua nova arma. Questão, naturalmente, de mera coincidência, cuja explicação ainda escapa, no estado atual de nossos conhecimentos...”
- (18-A) Cf. F. Cardim (o. c., p. 165), Nicolas Barré (carta reproduzida por Paul Gaffarel, *Histoire du Brésil Français au seizième siècle*, Paris, 1878, p. 381), Thevet (*Singularitez*, ed. 1878, p. 148) e Léry (*Histoire d'un voyage*, ed. 1880, I, p. 163 e s.). Éste último bastante apreciou a carne do lagarto: “Vrai est que du commencement l'avois cela en horreur, mais apres que l'en cus tasté, en matiere de viandes, ie ne chantois que de lezarda.” A carne de cobra, entretanto, lhe pareceu “fort fade et douçastre”.
- (19) *Ibibóboca* (Anch.), *igbigboboca* (F. Cardim, o. c., p. 48), *ububoca* (G. Soares, o. c., p. 240), *ibiboca*, *biboca*, ou *cobra-coral*, da familia dos Colubrideos (*Micrurus leniscatus* L.; *Elaps Marcgravi* Wied). B. Caetano “deduz o nome de *mbói-iby-pebabac*. Cobra enroscada no chão” (nota de R. Garcia a F. Cardim, p. 118). Afranio Amaral (1. c., p. 21) dá: “Tupi *ibi-boca* ou *boboca*, o que fura a terra”. Segundo T. Sampaio (o. c.), *ibiboca*, além de “terra rachada ou fendida” (“terra cavada”, como diz Anchieta), significa “saído ou tirado do chão”. - Observação de Afranio Amaral: “As corais verdadeiras são chamadas de *ibiboboca*, porque furam a terra e penetram em galerias, onde encontram pequenos lagartos ápodos, vermes e larvas de insetos, de que se nutrem”.
- (20) *Bóiguatiara*, *boicoatiara*, *boicotiara*, *boicutiara*, *cutiara*, da familia dos Crotalideos (*Bothrops cotiara* Gomes). Do tupi *mbói-quatiara*, cobra pintada (T. Sampaio, o. c. ; A. Amaral, 1. c., p. 21).
- (21) *Boipeba*, *boipeva* ou *boipeua*, da familia dos Colubrideos (*Xenodom merremi* Wagl). Do tupi *mbói-peua* ou *peba*, cobra chata (A. Amaral, 1. c., p. 21), “que tem a propriedade, quando acuada, de se acharar” (T. Sampaio, o. c.). A *jararaca* também chamada *boipeva* é a *jaracambeva* ou *jararacambeva* (A. Amaral, 1. c., p. 25) ou ainda *jararacopeba* de F. Cardim (o. c., p. 47).
- (22) Havendo comunicado a Afranio Amaral a suposição nossa de que a *bóiroicanga* referida por Anchieta e chamada pelos portugueses *boiroy*, segundo Lara Ordoñez (1. c.), seja a *boiru'*, *boiuru'*, *beiru'* ou *bairu'*, da familia dos Colubrideos (*Pseudoboa cloelia* Daud.), ou ainda, como é mais conhecida no Centro do país, a *mussurana*, que não é venenosa e tem hábitos ofiófagos, observou o diretor do Instituto do Butantan: “Parece antes que *boiroycanga* se aplica a qualquer cobra desprovida de presas deanteiras (colubrideo áglifo ou opistóglifo ou mesmo boideo), cujo contato dá sempre a sensação de frio ou cuja picada pode provocar frio, por efeito psíquico, dada a dificuldade de seu rapido reconhecimento até por parte dos indigenas. Dêsse modo, a *mussurana* ou *boirú* seria uma *boirussanda'*. Isto é: cobra fria.
- (23) Nota de Afranio Amaral: “As nossas serpentes são ovíparas ou ovo-vivíparas. Entre as primeiras se encontram: todas as colubrideas áglifas com exceção das cobras dagua, genero *Helicops* e outros afins; as opistóglifas, com exceção da *corredeira* e da *ubiracoá*, generos *Tomodon* e *Dryophylas*; as elapídeas ou corais verdadeiras (A. Amaral, *Colect*, *Inst. Butantan*, 11, 187 - 1921); e a crotalídea *Lachesis muta* ou *surucutinga* (Amaral, “Rev. do Museu Paulista”, XV, 44 - 1927). Entre as ovo-vivíparas se encontram, além das colubrideas acima excetuadas, as boídeas (*gibóias*, *araramboia*, *sucuri* e *salamantas*) e crotalídeas em geral (*cascavel*, *jararacas*, *urutú*, *jararacussú*, *cotiara*, *uricana* e outras). Os ovos do primeiro grupo são postos, uma vez por ano, pelo fim da primavera e em número de 2 a 40 ou mais. Os filhotes do segundo grupo nascem já bem desenvolvidos e em ninhadas de 12 a 40 e até 60, este último número tendo sido registrado em relação á *sucuri*”.
- (24) Nota de Afranio Amaral: “*Boiquiba* devem ser os escorpiões, unicos animais venenosos a que se pode aplicar a descrição de Anchieta: “têm duas cabeças, como os caranguejos, e a cauda recurvada, na qual têm uma unha também curva, com que ferem”. Neste caso, as “duas cabeças” seriam as pinças ou tentáculos, usados na apreensão das vítimas. É bem verdade que o etimo pareceria antes indicar as lacraias ou escolopendras, “cobras de pés pequenos” ou “piolhos de cobra”, conforme diz Anchieta, mas a estes os indigenas costumavam distinguir pelo nome de boissó. Os escorpiões mais comuns entre nós pertencem aos generos *Tityus*, *Centrurus* e *Bothriurus*, sendo *Tityus bahiensis* a mais espalhada e abundante de todas as especies”.
- (25) Refere-se Anchieta á *nhanduaçú* (G. Soares, o. c., p. 247), *nhandú-guassú* ou *nhandú* (J. E. Wappaes, Geografia Física, trad. Bras., Rio, p. 388) ou *caranguejeira*. Por esse nome de *caranguejeiras* são conhecidas no Brasil as *Migalomorphae*. As especies indigenas se subordinam a quatro familias: *Paratropidae*, *Ctenisidae*, *Dipluridae* e *Theraphosidae*. As especies maiores, de que fala Anchieta, pertencem aos generos *Grammostola*, de que existem no Brasil quatorze especies já descritas, e *Lasiadora*, de que ha dezoito especies brasileiras conhecidas, só encontradas no Centro e Norte do país (Vital Brasil e J. Vellard, *Contribuição ao estudo do veneno das aranhas*, nas “Memorias do Instituto do Butantan”, III. P. 243 e segs.).
- (26) Nota de Pio Lourenço Corrêa: “A familia dos Pompilídeos (ordem dos Himenopteros, super-familia Vespoidea) pertencem os mais notaveis caçadores de aranhas existentes no Brasil: mais notaveis pelo seu tamanho (aparentam enormes vespas) e também pelo seu número. Da sua biologia extraio de Comstock (*An introduction to entomology*, Ithaca, 1930, p. 934) o seguinte: “Most of the Pompilidae make their nests in the ground. The wasp first finds a spider and stings it until it is paralyzed, and then digs a burrow which is enlarged at the lower end, forming a cell for the reception of the spider: the spider is then dragged down into the cell and an egg attached to it; then the passage leading to the cell is filled with earth. (...) Among the giants of this family are the well-known tarantula-hawks of the genus *Pepsis* of the Southwest, which store their burrows with tarantulas. Many a hard-fought battle do these spider-wasps have with these enormous spiders, and sometimes they are conquered and ignominiously eaten. (...) More than one hundred species legonging to this family was published by Banks (1911)”. Assim Anchieta conheceu um dos cem insetos, a que se refere Comstock, aludindo á classificação de Banks. Ou talvez não viu nenhum desses, que são todos do hemisfério norte; e alguns, pelo menos, dos nossos de cá, não estarão representados naquele hemisferio. Ha a notar, ainda, que ás vezes é o vespão que vem a ser comido. E, quando vitorioso, não come a aranha; esta é sempre destinada a alimento da larva do vespão. Ha outros



- caçadores de aranhas entre os himenopteros, notadamente os Sfegídeos (J. H. Fabre, *Moeurs des insectes*, Paris, 1924, p. 111 e segs.), de que o Brasil possui muitas espécies, em geral menores que os Pompilídeos.
- (27) As lagartas, “cujos pêlos produzem dôr, têm o nome brasilico de *taturana*, isto é, que queima como fogo” (Lara Ordoñez, l. c.), *tatorana* ou, melhor, *tatarana*, de *tatá-rana*, “semelhante a fogo” (T. Sampaio, o. c.).
- (28) A *tatarana* que provoca “desejos libidinosos” e a *socauna* (lagarta preta) a que se refere G. Soares (o. c., 246 e 286-7) e cujo pêlo os tupinambás, “tão amigos da carne que se não contentam, para seguirem seus apetites, com o membro genital como a natureza o formou”, sôbre êste colocavam, “que lho faz logo inchar, com o que tem grandes dôres, mais de seis meses, que se lhes vão gastando por espaço de tempo, com o que se lhe faz o seu cano tão disforme de grosso que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer”.
- (29) As duas espécies de Felídeos, mencionadas por Anchieta, são a *onça parda* ou *sussuarana* (*Felis concolor* L.) e a onça pintada ou *jaguar* (*Felis onça* L.). Além dessas, que são as maiores, ha mais sete na fauna brasileira.
- (30) Pelo nome generico de *tamanduá* são conhecidas as quatro espécies de desdentados da familia dos Mirmecofagídeos, existentes no Brasil, a saber: *tamanduá bandeira* (*Myrmecophaga tridactyla* L.), *tamanduá mirim* (*Tamandua tetractyla* L.), *Cyclothurus didactylus* L. e *Tamanduá sellata* Cope, as duas últimas encontradiças apenas na Amazonia. O étimo é assim explicado por R. Garcia (nota a F. Cardim, o. c., p. 113); “De ta, Contração de *tacy* formiga, e *monduar* caçador: caçador de formigas. Batista Caetano prefere derivar o vocabulo de *tama de pêlos*, e *uguai* cauda, facil de mudar-se em *nduai*. O primeiro étimo, porém, condiz melhor como o modo de viver do animal”. - V. ainda a nota de R. Garcia a D’Abbeville (o. c., p. 63).
- (31) Segundo F. Cardim (o c p. 40), “não se comem nem prestam mais que para desençar os formigueiros”. No dizer de G. Soares (o c., p. 227), só os índios velhos comem a carne do tamanduá, “que os mancebos têm nojo dela”. Informação confirmada por D’Abbeville (o c., folha 249v.-50); “Et quov qu’il soit bom & que les plus Anciens d’entre les que s’ils mangoient de set animal qui se nourrit de Fourmis, ils deuiendroient foibles & n’auoient point de force ny de courage à la guerre”. Na realidade, é pessima a carne de qualquer das quatro espécies.
- (32) *Tapiira* (Anch.), *tapyretê* (Piso e Marcgrav), *tapyre-été* (D’Abbeville, o c., fl. 250), *tapira-etê*, *tapira*, *tapir* ou *anta*, da familia dos Tapirídeos (*Tapirus terrestris* L.). Diz R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 111): “O nome tupi é suscetível de várias explicações, mas nenhuma satisfatória: o sufixo *etê*, verdadeiro, legítimo, serviu para diferenciar o ungulado do bovino, que os tupis só conheceram depois do contato europeu, e o qual chamaram *tapyra*” Segundo T. Sampaio (o c.), o nome guarani é *tapii*. E o que lhe davam os castelhanos (*ante* e *danta*), explica Varhagem (nota 01) a G. Soares, o c.), “derivado do arabigo que é semelhante (*lanta*), vem do fato de assim designarem a êsse tempo as espécies dos generos *Bison* e *Buffelus* “que havia na África e no Sul da Europa, e cujas pêles curtidas de côr amarela, que muito se empregavam nos vestuarios e armaduras no seculo XVI, puderam substituir pelas do nosso *tapir*, com mais vantagem ao menos no preço”. A anta é também descrita por Thevet (o. c., p. 254), sob o nome de *tapihire*, e Léry (o. c., l, p. 157), sob o de *tapiroussu*.
- (33) Aliás *alces*, alce e grã-besta em português, nome com que os latinos designavam as espécies maiores de cervos do Norte da Europa, sendo portanto erronea a suposição de Anchieta. Ao *alces* se referem Cesar (l. VI, XXVII) e Plínio (15 e 16). Dele dá Saraiva no seu Dic. Esta descrição estapafurdia: “quadrupe de semelhante ao asno no tamanho e á cobra na forma”.
- (34) Cf. F. Cardim (o. c., p. 37) e G. Soares (o. c., p. 224).
- (35) *Aig* (Anch. E S. de Vasconcelos, Cron., 1. 2 das Not., n. 100), *ahy* (G. Soares, o. c., p. 236) ou *preguiça*, nome generico dado ás quatro espécies de desdentados da familia dos Bradipodídeos, das quais Anchieta deve ter conhecido melhor as duas que ocorrem no Sul do Brasil: *Bradypus tridactylus* L. e *Bradypus torquatus* Illg. A’espécie maior, *preguiça-real* (*Choloepus didactylus* L.), D’Abbeville chama *unau* e Marcgrav *unáu* (nota de R. Garcia a F. Cardim, p. 116). Thevet grafa *haût*. Aí é voz onomatopáica, explicando Vom Tschudi “que esse nome procede do grito do animal que articula um a fechado muito prolongado, seguido de um curto e aspirado” (T. Sampaio, o. c.).
- (36) A preguiça vive na *ambauba* (varias espécies do genero *Cecropia* L.), cujas folhas e brotos constituem seu principal alimento.
- (37) *Seriguéa* (Anch.), *sarigué* (F. Cardim, o. c., p. 39), *cerigôê* (Gandavo, *História da Provincia Santa Cruz*, na mesma ed. Do Tratado cit., pbl. da Acad. Bras., Rio, 1924, p. 105, sendo que a ed. De 1858 registra *carigão*), *serigoé* (G. Soares, o. c., p. 228), *sarigueya* (Marcgrav) *çarigué* (S. de Vasconcelos, o. c., l. 2 das Not., n. 101), *cerigão* (Lara Ordoñez, 1. C.), *sarigue*, *serigúe*, *sarigúe*, *mucura*, *micuré* (Rio da Prata) ou *gambá*, são os nomes genericos “das espécies maiores de marsupios da familia dos Didelphiídeos, particularmente o *Didelphis aurita* L.” (nota de R. Garcia a F. Cardim, p. 113). E é ainda R. Garcia quem ensina vir o nome tupi de “*coó-riguê*, animal de sacco ou bolsa, com referencia á particularidade anatomica que caracteriza essa classe de mamíferos, acrescentando: “O *sarigúe* foi assinalado desde o ano de 1500. Vicente Yañez Pinson, em sua viagem de principios daquele ano, achou nas costas da Guiana uma *sarigúe* femea com seus filhos, e levou-a para a Espanha. O fato foi referido por Grinoeus, em seu *Novus Orbis* (1532); Oviedo, na *Historia natural y general de las Indias* (1535), descreveu o animal, que desde logo passou a figurar com o seu nome indigena em todos os tratados das regiões americanas”. As designações *mucura* e *gambá* aludem tambem ao fato do *sarigúe* carregar os filhos na bolsa que tem no ventre (T. Sampaio, o. c.). - A carne do *sarigoy*, como ele o chama, pareceu a Léry (o. c., l, p. 161-2) “tendre et bonne”.
- (38) É o *ouriço cacheiro* ou *porco espinho* dos portugueses, roedor da familia dos Coendídeos, de que existem nove espécies no Brasil. A três delas, *coandú*, *cuium* e *queiroá*, sendo a primeira a maior da familia (*Coendu villsus* Lich.), refere-se G. Soares (o. c., p. 237). F. Cardim descreve duas espécies, com o nome de *canduaçu* e *candumiri* (o. c., p. 40-1). Entretanto, quer com o aumentativo *açu* quer com o diminutivo *mirim*, “não se conhece esse animal na nomenclatura vulgar” (nota de R. Garcia, p. 113).
- (39) Como é sabido, orçam por cêrca de cincoenta as espécies de simios brasileiros, das quais a maioria habita o Norte.
- (40) Segundo Wappaeus (o. c., p. 270), os “índios comem a carne de algumas espécies de macacos e particularmente da espécie *Cebus macrocephalus* Spix, vulgarmente conhecido pelo nome de *macaco de prego*. A carne do *sanhy*, passa por saborosa



- iguaria entre os selvagens". Note-se, entretanto, que *macaco-prego*, *macaco-aranha*, etc., são denominações peculiares aos generos Ateles, de que ha várias especies, algumas ocorrendo de São Paulo ao Amazonas, outras só nesta região. Sob a denominação mico são designadas vagamente as especies menores de macacos, muitas das quais pertencentes ao genero *Cebus*.
- (41) *Tatú*, nome generico dos desdentados da familia dos Dasipodídeos, de que ha cêrca de dezeseis especies brasileiras. Vocabulo tupi, de *ta-tu*, casco encorpado, denso, grosso, segundo Batista Caetano (nota de R. Garcia a F. Cardim, o. c., p. 113; T. Sampaio, o. c.).
- (42) No Estado de São Paulo têm sido registradas as seguintes especies de veados: *veado-galheiro*, *cugnaçu-apára*, *veado dos mangues* (*Odocoelus suaçuapara*), *guaçu-pucú* (*Dorcephalus dichotomus* Illg.); *guaçu-pita*, *guaçu-eté*, *guatá-pará*, *veado mateiro*, *veado pardo*, etc. (*Mazama americana* Exl.); *veado-virá*, *catigueiro*, *suaúú-catinga*, *virote*, *guaçu-bira*, etc. (*Mazama simplicicornis* Illg.); e *boro'ro*, *mão-curta*, etc. (*mazama rufina* Baur.).
- (43) Pela denominação geral de gatos do mato são conhecidos vulgarmente os pequenos felídeos do Brasil. Dentre eles se destaca, pelo seu porte acentuadamente maior, a *jaguatirica* ou *maracajá* (*Felis poardalis* L.). - Cf. F. Cardim (o.c., p. 43) e G. Soares (o. c., p. 227).
- (44) *Javalí* (Anch.), *porco montês* (F. Cardim, o. c., p. 37), *tagaçú* (G. Soares, o. c., p. 229), *tayaçú*, *tanhaçu* ou *porco do mato*, é o unglado artodactilo da familia dos Suídeos, genero *Taiacú*, de que existem duas especies brasileiras: a *queixada* (*Dicotyles pecari* L.) e o *caitatú*, *caitetú*, *catête* ou *cateto* (*Tayassu tajacu* L.), sendo a primeira maior. A essas especies F. Cardim dá o nome de *tayaçutirica* (*tajaçutirica* de G. Soares), porco medroso, e *tayaçupigta*, porco vermelho (nota de R. Garcia, o. c., p. 112). - Léry (o. c., I, p. 160) refere-se também ao *taïassou*.
- (45) É a *lhama* (*Camelus glama* L.).
- (46) Por *bichos da taquara* são conhecidas as formas imaturas da mariposa *Pyrilidae* - *Myelobia amerintha*. Existem três especies desse genero. Ao seu emprego como alimento e narcotico, entre os indios, e como sucedaneo da manteiga, depois de derretido, entre os portugueses, refere-se Saint-Hilaire (*Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, Paris, 1830, I, p. 432-4, e II, p. 169), cujas observações são reproduzidas por F. Dénis (*L'Univers, ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, coutumes*, etc. - Brésil, Paris, 1863, p. 83). A propriedade narcotica do *bicho da taquara*, escreve Saint-Hilaire, "résiderait uniquement dans le tube intestinal", no dizer dos indios, que o comem "lorsque l'amour leur cause des insomnies (...) et alors ils tombent dans une espèce de sommeil extatique qui dure plusieurs jours. Celui qui a mangé un ver deséché du bambou raconte, en se réveillant, des songes merveilleux; il a vu des forêts brillantes, il a goûté des fruits exquis. Mais avant de manger le bicho da taquara, ou a grand soin d'en ôter la tête, que l'on regarde comme un poison dangereux".
- (47) Explica T. Sampaio (o. c.); "O vocabulo *yçá* é contração de *yçaba*, significando gordura, pois tinham os indios por tal o que se contém no abdomen desta formiga". Os guaranis a denominavam *tanajura*. G. Soares (o. c., p. 250) escreve *içan*.
- (48) Nota de Oliverio Mario: "A descrição de Anchieta é neste ponto sobremodo impropria. Com chamar de "filhos" os individuos alados da *saúva*, nada informa com respeito á sua verdadeira significação de individuos reprodutores, machos (*bitús* ou *vitús*) e femeas (*içás*), enquanto que os outros destituídos de asas (*saúva*, no sentido restrito), cuja qualidade de pais é virtualmente insinuada, não passam de operarios, isto é, individuos inferteis, de sexualidade abortada".
- (49) Cf. G. Soares (o. c., p. 25): "... a estas formigas comem os indios torradas sôbre o fogo, e fazem-lhe muita festa; e alguns homens brancos que andam entre eles, e os mestiços têm por bom jantar, e o gabam de saboroso, dizendo que sabem a passas de Alicante".
- (50) Diz G. Soares (o. c., p. 217) que o *suiriri* (ou *bemteví*) "se mantem com bichinhos e formigas, das que tem asas, a que em Portugal chamam agudes". Entre os passaros que se alimentam de formigas, citam-se muitas especies de *Erioridae*, das quais a *Myiothera domicella* é a mais voraz, e o *Tanagra auneapilla*, da familia dos Tanagradidae, entre outros (Wappaeus, o. c., p. 325 e 327).
- (51) Nota de Oliverio Mario: "As abelhas, que formam a familia dos Apídeos, dividem-se em dois grandes grupos naturais: Solitárias e Sociais. As últimas, ou mais precisamente ao grande genero *Melipona* (com que foi fundido por A. Ducke o genero *Trigona*) de que conta o Brasil mais de sessenta especies e muitas variedades, reportam-se as observações de Anchieta".
- (52) Nota de Oliverio Mario: "Refere-se Anchieta aos *pernilongos* (*moriçocas* na Baía, carapanãs na Amazonia), dípteros da familia dos Culicídeos, representada no Brasil por grande cópia de generos e numerosissimas especies. A ação malefica destes hematofagos junto á especie humana, a que transmite, entre outras molestias, o paludismo (as sezões, as maleitas, as intermitentes da lingua popular) e a febre amarela, era então e durante ainda mais de três seculos completamente insuspeita".
- (53) *Mariguê* é o *margui* de G. Soares (o. c., p. 222), *maragui*, *marauim* ou *maruim*, nome aplicado indistintamente a grande número de dípteros Quironomídeos, a que também pertence o *mosquito-polvora*, genero (Ulicídeos).
- (54) Nota de Oliverio Mario: "Sob a denominação generica de papagaios, Anchieta refere-se evidentemente a todos os membros da grande familia dos Psitacídeos, de que ha em todo o orbe perto de 600 especies, cabendo ao Brasil aproximadamente uma oitava parte (73 para Miranda Ribeiro, "Rev. do Mus. Paul.", XII, parte II, p. 4)".
- (55) *Nhandugoassú* (F. Cardim, o. c., p. 56), *nhandú* (G. Soares, o. c., p. 206), *nandugouassú* ou *nandú* é a *ema* (*Rhea americana* L.). De *nhã-dú*, "corre com estrépito, a corredora" (T. Sampaio, o. c.). O mesmo vocábulo designa também a aranha (V. Nota 25).
- (56) *Guainumbi* (Anch.), *gauiaumbig* (F. Cardim, o. c., p. 52), *gaivambú* (G. Soares, o. c., p. 216), *guanumby*, *guanamby* ou *gainambí* é o chupa-flor, pica-flos ou beija-flor, nome generico da familia dos Troquídeos. De *guanã-oby*, "individuo preto azulado" (T. Sampaio, o. c.). Era tido pelos indios, ainda segundo T. Sampaio, "como mensageiro da outra vida".
- (57) Nota de Oliveiro Mario: "É das afirmações mais pitorescas esta de que os beija-flores vivem á custa do orvalho, isto é, de agua, tanto mais pura quanto é ela no caso o fruto da



- condensação recente da humidade atmosférica, sob a baixa temperatura da manhã. Em verdade, mau grado não desprezarem eventualmente o mel das flores, como querem os poetas, os beija-flores alimentam-se principalmente de pequenos insetos, que sabem procurar também em outros sítios, como nas teias de aranha, etc."- G. Soares, observador admirável, afirma isso mesmo: "...comem (os beija-flores) aranhas pequenas e fazem os seus ninhos das suas teias; têm as asas pequenas e andam sempre bailando no ar, espreitando as aranhas" (o. c., p. 216).
- (58) Era essa a crença do tempo (cf. F. Cardim, o. c., p. 52), assim explicada em Wappaeus (o. c., p. 383): "É interessante a observação de Bates de que ao lado de uma das maiores borboletas esfingides, a *Macraglossa annulosa*, esvoace o pequeno beija-flor, *Lophornis Gouldii*, em busca das mesmas flores. Por tal forma se iludiu este observador, que algumas vezes em sua caçada atirava sobre uma borboleta, supondo apontar para um pequeno passaro. É dêste fato que resulta a crença dos indigenas de que as borboletas se transformam em passaros".
- (59) Segundo Lara Ordoñez (1. C.), Anchieta "parece falar da pomba do mato, chamada *juruty*".
- (60) Guará, da familia dos Ibirdideos (*Eudocimus ruber* L.). O nome tupi é "de etimo discutível", segundo R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 142), observando T. Sampaio (o. c.) que é "frequente a troca de *guirá*, passaro, ave, por *guará*".
- (61) Nota de Oliverio Mario: "A ave a que se refere Anchieta é visivelmente um Podicipedideo, provavelmente *Podilymbus podiceps* L., conhecido, como os seus afins, pelo nome de mergulhão, na onomastica popular. Ainda hoje a nomenclatura vulgar aplica o termo a várias aves mergulhadoras, embora muito diferentes nos seus caracteres morfologicos, de maneira que não ha estranhar que Anchieta houvesse se referido linhas acima a outro mergulhão, provavelmente *Sula leucogastra* Bodd.; apenas se depreende que os Podicipedideos eram naquela epoca anônimos, ou de nome vulgar desconhecido do autor".
- (62) Nota de Oliverio Mario: "Refere-se Anchieta aos *gaviões de penacho* ou *reais*, *Morphnus guyanensis* Daud. Ou *Thrasaëtus Harpya* L. Nada a acrescentar quanto á valentia da ave; mas na observação biologica ha preconceito absurdo e evidente".
- (63) *Anhima* (Anch.), *anhigma* (F. Cardim, o. c., p. 56), *anhuma* ou *inhuma*, da familia dos Palamedeideos (*Anhima cornuta* L.), de etimo dificil de explicar"(R. Garcia, nota a F. Cardim, p. 122).
- (64) Nota de Lara Ordoñez (1. C.): "Engana-se Anchieta, atribuindo a estas aves três esporões em cada uma das asas: têm unicamente dois em cada uma".
- (65) Nota de Oliverio Mario: "Faz-se aqui alusão ás aves Tinamiformes (*perdiz*, *codornas*, *inambús*, *jaós*, *macucos*) e Galiformes (*urús*, *jacús*, *jacutingas*, *mutuns*)".
- (66) A' mandioca (Manihot utilissima Pohl) refere-se Anchieta mais detalhadamente na Inf. de 1585.
- (67) Segundo Miranda de Azevedo (pref. á trad. cit. de Vieira de Almeida, p. XII), "da descrição bem evidencia-se que se aplica tudo ao *jacatope*, *Pachyrrhizus angulata*, raiz bulbifera grossa, produzindo 10% de fecula saborosa e apreciada."
- (68) É a *sensitiva*, leguminosa da sub-familia das Mimosaceas.
- (69) Trata-se da *cupaigba* (F. Cardim, o. c., p. 62), *copaiba* (G. Soares, o.c., p. 183), *copiiba* (Marcgrav), *copayva* (Lara Ordoñez, 1. C.), *copahyba*, *copauva*, *cupay*, *copiuba* ou *cupahyba*, nome comum a várias especies da familia das Leguminosas, divisão das Caesalpiniaceas, das quais as mais importantes são a copaiba do Pará (*Copaifera reticulata* Ducke), verdadeira (*Copaifera officinalis* L.), e vermelha (*Copaifera Langsdorffii* Desf.), conforme se vê em M. Pio Corrêa (Dicionario das Plantas Uteis do Brasil, II, Rio, 1931). De "etimo incerto", segundo R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 124). Para T. Sampaio (o. c.), "corr. *cupa-yba*, a árvore de depósito, ou que tem jazida".
- (70) *Mangues*, referindo-se Anchieta ao *mangue vermelho*, da familia das Rizoforaceas (*Thyazophora mangle* L.). *Canapaúba* de G. Soares (o. c., página 199).
- (71) É a *jaçapucaya* (F. Cardim, o. c., p. 59), *zabucaes* (Gandavo, Hist., p. 97), *sabucai* AGL Soares, o. c., p. 172), *çapucaya* (S. de Vasc., o. c., 1. Das Not., n.86), *çapocaia* (Lara Ordoñez, 1. C.) ou *sapucaia*, nome generico das várias especies de Lecitidaccas, genero *Lecythis*.
- (72) *Pinho do Paraná*, da familia das Coniferas (*Araucaria brasiliana*, Rich.).
- (73) Talvez seja a árvores a que se refere Gandavo (o. c., p. 100), com o nome indigena de *obirá paramaçací*, indagando Miranda Azevedo (1. C., p. XI): "Será a *gameleira*, *Ficus doliaria* de Martius, bela árvore de dez a doze metros de altura, que no mês de agosto fornece em mais abundancia o suco lactescente pelas incisões que sofre? Ou será o *jaracatiá*, *Carica dodecophylla* de Veloso, com propriedades terapeuticas semelhantes, e tão usada ainda no Interior em várias infecções?"
- (74) Talvez se refira Anchieta, como sugere Lara Ordoñez, á *ipecacuanha*, *igpecacóaya* de F. Cardim (o. c., p. 73), *pecacuem* de G. Soares (o.c., p. 187) ou *poaia*, da familia das Rubiaceas, de que ha várias especies.
- (75) Nota de Lara Ordoñez (l. c.): "*Arenarius flexilis*, L., vulgo *pedra elastica*. É de certo flexivel, mas não me pareceu de modo algum elastica, nem muito flexivel. E Anchieta, dizendo-a "maleavel como couro", fala hiperbolicamente; a que vi mais flexivel, presentemente guardada no Museu da Academia Real, com cêrca de 16 polegadas de comprimento e 4 linhas de altura, tomou a forma de um arco de 20º".
- (76) Escreve Couto de Magalhães (*O selvagem*, ed. 1913, p. 157): "O *curupira* é o deus que protege as florestas. As tradições representam-o como um pequeno *tapuio*, com os pés voltados para trás e sem os orificios necessarios para as secreções indispensaveis á vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é *mussiço*. O *curupira* ou *currupira*, como nós lhe chamamos no Sul, figura em uma infinidade de lendas, tanto no Norte como no sul do Brasil. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longínqua no meio dos bosques, os remeiros dizem que é o *curupira* que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está proxima. A função do *curupira* é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou de qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com pena de errar por tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar até aos seus." Ermano Stradelli (*Vocabularios da lingua geral português-nheêngatú e nheêngatú-português*, na "Rev. do Inst. Hist.", t. 104, v. 158),



serve-se quasi das mesmas palavras de Couto de Magalhães. Acrescenta, porém, que não só a floresta mas também a caça se acha sob a “guarda direta” do *curupira*. Este “é sempre propício ao caçador que se limita a matar conforme as suas necessidades” e castiga o que “mata por gosto”, persegue as fêmeas e “os pequenos ainda novos”. Para Spix e Martius (Reise in Brasilien, III, p. 1109), o *curupira*, menos terrível que o *jurupari*, é um espírito-do-mato caçoista, que encontrado sob diversas formas, entra em conversa com os índios, desperta ou entretem sentimentos de inimizade entre indivíduos e com malícia observa as desgraças humanas”. Maregrav e Nieuhofs, escreve A. Métraux (*La religion des Tupinamba*, Paris, 1928, p. 65), “qualifiant *curupira* d’esprit des passions (*nu mentium*), je ne sais trop pourquoi”. Batista Caetano (nota a F. Cardim, o. c., p. 237-8), igualmente não achou “saída etimológica” para a significação dada por Maregrav. Segundo o autor do Vocabulário da Conquista, *curupira* pode “ser traduzido literalmente por samento, de *curub* sarna, e *pir* pele”. T. Sampaio, por sua vez, dá (o.c.): “*Curupira*, s., *curupyra*, o chagado, o indivíduo coberto de pustulas. Nome de um gênio da mitologia selvagem, que presidia aos maus sonhos e pesadelos”. E. Stradelli, finalmente, faz derivar o vocabulo de *curu* abreviação de *curumi*, menino, e *pira*, corpo: corpo de menino.

- (77) *Igpupiára* (Anch. e F. Cardim, o. c., p. 89), *hipupiara* (Gaudava, Hist., p. 123), *upupiara* (G. Soares, o.c., p. 256), *ypupiapræ* (Barlaeus, p. 134) ou *ipupiara*, “gênio das fontes, animal misterioso que os índios davam como o homem marinho, inimigo dos pescadores, mariscadores e lavadeiras”, de acordo com a definição T. Sampaio (o.c.). A propósito do etímo, escreve R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 139): “O nome tupi serve de prova de que a idéia era familiar às gentes desse grupo importante. Sua etimologia consigna Batista Caetano em *upypcara*, ou *y-pypiára*, em que aparecem os elementos *y* água, e *pypiára* de dentro, do íntimo: o que é de dentro da água, o que vive no fundo da água, o aquático; o nome era também atribuído a peixes, especialmente à baleia”. É o “monstro marinho” que em 1564 se matou em São Vicente, segundo Gandavo.
- (78) *Baetatá*, *maetatá* ou *boitatá*, um dos gênios da mitologia selvagem, é o fogo fatuo, a fosforescência, e traduz-se por “coisa que é toda fogo, luzeiro” (T. Sampaio, o. c.). A mesma significação tinha o vocabulo macaiêra.
- (79) Na carta XV, Anchieta explica a ausência de deformidades entre os índios, que enterravam os nascidos “com alguma falta ou deformidade, e por isso mui raramente se acha algum coxo, torto ou mudo em esta nação”. - V. A. Métraux (o. c., p. 102).

Biografia do Padre José de Anchieta

José de Anchieta nasceu na cidade de São Cristóvão da Laguna, capital da ilha de Tenerife, nas Ilhas Canárias, no dia 19 de março de 1534, dia de São José.

Em 1550, foi à Coimbra para cursar a Universidade. A escolha de Portugal e não da Espanha é ponto de sua biografia ainda não esclarecido.

No noviciado em Coimbra a rígida disciplina enfraqueceu ainda mais o organismo naturalmente débil de Anchieta. Além disso, sofreu um acidente sério, uma escada caiu-lhe com violência nas costas, ficando corcovado para o resto da vida. Mais de dez anos depois, relatando os sucessos de Iperoig, aludiria ele à sua moléstia: “como minhas costelas ainda cansem e doem como soiam e têm mui poucas forças...”

Enquanto, sem esperança de cura, era tratado no Colégio de Coimbra, pedidos insistentes de novos missionários chegavam do Brasil. “Por conselhos médicos”, Anchieta foi enviado ao Brasil.

Quando chegou ao Brasil, Anchieta tinha dezenove anos. Veio na frota de D. Duarte da Costa, nomeado segundo governador geral, na terceira leva de jesuítas enviados ao Brasil. Partiram de Lisboa no dia 8 de maio de 1553 e chegaram a Salvador, em 13 de julho do mesmo ano.

Nesta época o Padre Nóbrega achava-se em São Vicente, para onde havia seguido com Tomé de Souza. Na capitania vicentina, o jesuíta havia planejado fundar uma povoação nos campos de Piratininga, tendo reunido ali três aldeias de índios.

Após breve temporada na Bahia, trabalhando com a catequese de índios, Anchieta chegou com outros jesuítas à São Vicente em 24 de dezembro de 1553, com a missão de fundar o Colégio de Piratininga. No Brasil onde “as medicinas são trabalhos, longas caminhadas, ofícios grosseiros, assistência penosa aos índios” recuperara a saúde.



A missão fundadora galgou a serra de Paranapiacaba, “por um dos mais trabalhosos caminhos que há em muita parte do mundo”, e deixando a mata acampou no local escolhido por Nóbrega, entre os riachos Tamandateí e Anhangabaú. Aí levantaram os índios de Tibiriçá e Caubí a “paupérrima e estreitíssima casinha” em que se disse a primeira missa a 25 de janeiro de 1554, dia da conversão do apóstolo são Paulo, “por isso a ele dedicámos a nossa casa”, disse Anchieta.

Sua superioridade de letrado, falava quatro línguas: português, espanhol, latim e “brasílica”, sua disciplina de ferro, aprendida na Companhia de Jesus, seu devotamento deram-lhe logo, apesar da simplicidade de irmão, um lugar de evidência na comunidade. Nóbrega não podia deixar de se utilizar, em todas as oportunidades de tanta inteligência e tanto zelo, fazendo dele seu auxiliar predileto nos trabalhos da catequese.

Apesar de sofrer alguns ataques indígenas, especialmente dos tupis, a aldeia de Piratininga florescia. Anchieta dedicava-se a escrever. Entre outros escritos foi o autor de inúmeras e divertidas peças de teatro que encenava para os índios e o primeiro a formular a gramática da língua mais falada na costa do Brasil, o tupi - guarani, que foi publicada em Coimbra em 1595. Foi também a primeira gramática desde os gregos antigos, escrita por um ocidental, que não se baseava nas regras do latim.

As necessidades da catequese e do ensino dividiam a atividade de Anchieta entre as vilas do mar e de São Paulo. Perambulou pelo litoral paulista catequisando, ensinando e batizando índios. Diz a lenda que ele costumava abrigar - se para dormir em uma pedra conhecida como “cama de Anchieta” em Itanhaém. Na antiga Iperoig, hoje Ubatuba, foi refém dos tamoios e nessa situação escreveu o seu famoso poema à Virgem Maria.

Em fevereiro de 1564, chegava a frota enviada por Portugal, sob o comando de Estácio de Sá, com a intenção de expulsar os franceses do Rio de Janeiro que ali haviam se instalado e feito aliança com os tamoios.

Nóbrega e Anchieta fizeram parte da expedição que experimentava graves dificuldades para levar a cabo sua missão indo desta forma buscar reforços em São Vicente. Tiveram papel preponderante junto aos índios, no sentido de fazer com que eles se aliassem ao portugueses. Finalmente, em janeiro de 1565, Estácio de Sá pode partir para a conquista do Rio de Janeiro, o que somente aconteceu no início de março de 1566.

A 31 de março Anchieta deixou o Rio de Janeiro, partindo para a Bahia afim de receber as ordens sacras, passando antes pelo Espírito Santo, a mando de Nóbrega para visitar a casa da Companhia e as aldeias de índios. Na Bahia, foi ordenado.

No Rio de Janeiro, nova invasão francesa ajudada pelos tamoios. Sem receber novos esforços a situação era desfavorável aos portugueses, que isolados e cerceados não poderiam resistir muito tempo. Anchieta interveio junto ao governador Mém de Sá para que se mandasse ao Rio de Janeiro armada bastante forte capaz de dominar a região e fundar a povoação projetada. A frota foi formada e Anchieta veio junto para o Rio de Janeiro.

Logo após a expulsão definitiva dos franceses, Anchieta ficou trabalhando como auxiliar de Nóbrega na direção do Colégio no Rio de Janeiro, ao qual ficaram subordinadas as casas de Espírito Santo, Piratininga e São Vicente.

Embora eleito reitor do colégio do Rio de Janeiro em 1573, que havia se transformado no principal colégio do Brasil, Anchieta continuou em São Vicente até 1577, quando foi para a Bahia onde prestou a profissão solene dos quatro votos e recebeu a patente de reitor do colégio. Não chegou, entretanto, a exercer o cargo porque foi nomeado provincial logo depois. No desempenho de suas novas funções, percorreu mais de uma vez as residências da província e continuou seu imenso trabalho de ensino e catequese por praticamente toda a costa brasileira.

Após deixar o cargo em 1595, Anchieta foi nomeado superior da casa do Espírito Santo, arcando com as imensas responsabilidades apesar



da idade. Nessa época estava ocupado em escrever a biografia dos jesuítas mortos no Brasil.

Quando deixou a casa partiu a pé para Reritiba, com o propósito de despedir - se dos índios. Então adoeceu para morrer. Num domingo, 9 de junho de 1957, morreu cercado por seus companheiros e discípulos. Tinha 63 anos de idade, 46 de Companhia e 44 de missão no Brasil. Durante as cerimônias de sua missa fúnebre foi pela primeira vez proclamado **José de Anchieta o Apóstolo do Brasil**.

Warren Dean

Professor de história na Universidade de Nova York, nasceu em 1932, na Flórida. Era um importante historiador quando morreu em um trágico acidente em Santiago do Chile, em 1994. Nessa época estava escrevendo sobre o altiplano andino.

Foi autor de vários livros sobre o Brasil que provocaram grandes debates, além de chamar a atenção da comunidade internacional, uma vez que os temas subjacentes eram sempre questões fundamentais para se entender o desenvolvimento histórico do Brasil, como por exemplo em "A Industrialização de São Paulo" de 1967, onde abordou os grandes problemas sociais da maior cidade industrial da América Latina antes da 2ª. Guerra Mundial.

Sua última obra, "A Ferro e a Fogo - A História da Devastação da Mata Atlântica Brasileira", é um estudo fundamental dessa floresta, desde suas origens até nossos dias. É um trabalho que consolida sua contribuição ao campo da história ambientalista e principalmente ao Brasil e à Mata Atlântica.

Manteve sempre postura favorável aos colegas e alunos brasileiros em relação à políticas que interessavam exclusivamente ao seu país, o que refletia seu compromisso e amor pelo Brasil, sua gente e seus recursos naturais.

Admirado por seus alunos e colegas, causou impacto notável não apenas em seu campo de atuação, mas também sobre aqueles que tiveram a oportunidade de com ele trabalhar ou simplesmente ser amigo.